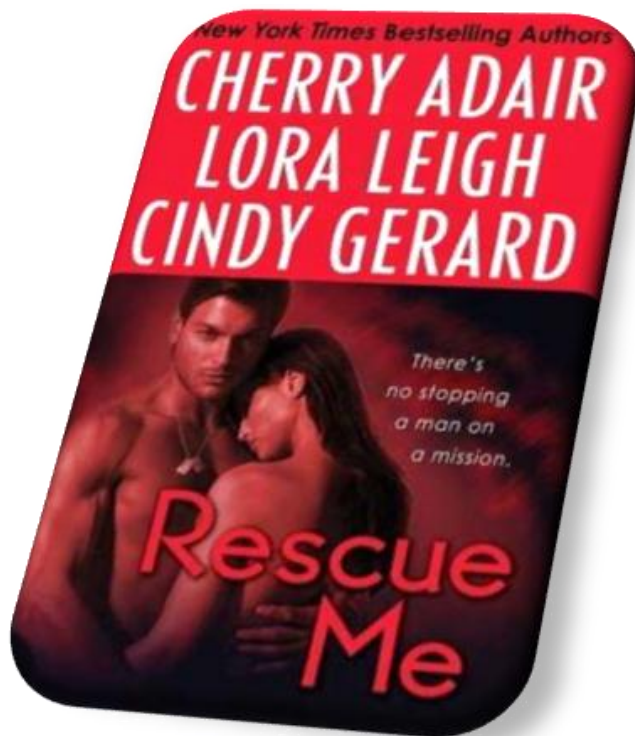


Tiamat-World

Calor em Atlanta
Tempting Seals 06
Lora Leigh

Tiamat-World Orgulhosamente Apresenta:



1

Calor em Atlanta *Tempting Seals 06* *Lora Leigh*

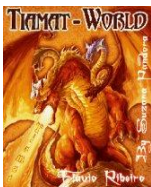
Em Delaney queria o garoto malvado Macey March desde que podia se lembrar. Mas, sendo um Navy SEAL² sob as ordens de seu padrinho superprotetor, Macey está fora dos limites de Em... até uma tentativa de sequestro os força a compartilhar quartos tentadoramente próximos — e um desejo proibido.



¹ Nome da antologia: Resgate-me. Na capa: não há como parar um homem em uma missão.

² O United States Navy Sea, Air and Land, mais conhecidos como US NAVY SEALs, é uma Força de Operações Especiais da Marinha dos Estados Unidos especializada na guerra não convencional, ação direta, antiterrorismo e reconhecimento de terreno.





Prólogo

Os homens sabem que devem ficar o mais longe possível de algumas mulheres. Uma questão de auto-preservação. Instinto de sobrevivência. O lobo solitário que se diverte com sua independência e liberdades sexuais e sabe quando está olhando uma armadilha sensual. Uma mulher capaz de fazer o animal macho se erguer, perceber e tremer em suas botas militares.

Mas, Mason “Macey” March é um homem que gosta de viver no limite. Ele adora o desafio, o risco, a excitação, seja em uma missão ou em uma mulher, ou um terrorista que quer destruir o mundo. Ele é um homem que encara a vida com um grunhido desafiante e se arrisca a atacar primeiro.

Ele era um homem olhando para sua própria destruição, e tinha percepção o suficiente para reconhecer isto, e ficar igualmente apavorado e atraído. Como um espectador que vê um trem descarrilar. Iria ficar sangrento. Ficaria uma bagunça. Mas ele não podia desviar o olhar porque ela tinha a alma dele e ele sabia disto. Um beijo. Isso era tudo o que era necessário. Um toque e ele estaria perdido. Ele desejava tocá-la.

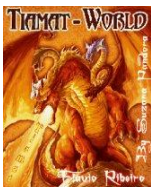
Olhos castanhos esverdeados brilhando de forma travessa e bochechas ligeiramente sardentas. Lábios luxuriantes curvados de forma encantadora, e faziam um homem se perguntar sobre as coisas que a boca poderia fazer enquanto começava a ameaçar o ajuste da farda branca dele no corpo.

Suavemente curvos, tentadoramente delicados, e problema com um P maiúsculo. Mexer com esta mulher era a última loucura, mas ninguém nunca o havia acusado de ser são.

— Sabe, Tenente March — ela disse lentamente com seu sedutor sotaque do Sul. — Você sempre pode escapar pela porta dos fundos. Aposto que o almirante nem perceberia que você havia ido embora.

Ele olhou fixamente para ela abaixo, descendo com desejo a vista pelo pescoço mesmo enquanto mantinha o olhar aguçado no dela. Não havia nenhuma chance de que ele deixasse o almirante pegá-lo olhando de soslaio para os amplos seios de sua afilhada. O modo como a seda azul safira se agarrava a eles, segurava os montículos deliciosos apenas com as mais finas alças. O longo cabelo castanho caindo sobre as costas em ondas suaves e espessas fazendo as mãos dele coçarem para tocá-lo.

— Querida, o almirante fritaria porções importantes da minha anatomia se eu ousasse fazer isso. — Ele tentou sorrir, mas ficou muito perto de engolir a língua quando viu por um momento aqueles montículos docemente curvos erguendo em um suspiro. Se ele não estava enganado, havia um brilho de suor brotando na própria testa enquanto lutava para controlar a ereção que se erguia embaixo da calça comprida. Esse não era o melhor lugar para provar ao almirante que ele realmente não era nada além de



um cachorro suspirando por um par de tetas bonitas, como o bastardo recentemente o havia acusado de ser.

Ele não suspirava por tetas. Ele as venerava. Adorava. Ele estava quase se curvando sobre elas. Talvez isso realmente o tornasse um cachorro. Ele assistiu a Senhorita Emerson Delaney sorrir. Uma curva brincalhona dos lábios que era uma advertência por si só. E embaixo daquela seda estava a mais sutil sugestão dos mamilos enrijecendo.

— Sabe, eu posso te ajudar a escapar — ela sussurrou brincalhona. — O almirante Holloran é, afinal, meu padrinho. Eu te desculparei. Você não me parece bem, sabe. — Ela estava rindo dele. Brincalhona. Com diversão. Mas estava se esquecendo do fato que ele não ousaria deixar o almirante puto neste momento. Ele já tinha perdido um grau por uma contravenção; ele não precisava ter outro grau diminuído novamente porque Emerson estava com humor para brincar.

— Não me faça nenhum favor, perversa — ele rosnou.

Ela fez beicinho de volta para ele, de brincadeira. — Mas Macey, te fazer um favor apenas me faria ganhar meu dia. Você não sabia disso?

Ele bufou. Até parece. Se ele não desse o fora para longe dela, o almirante iria fazer churrasco do traseiro dele.

— Faça-me um favor e ache outra pessoa para azucrinar, criança — ele disse a ela. — Já estou com problemas o suficiente.

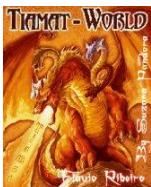
Ele pegou o estreitamento dos olhos dela enquanto ele fazia sua fuga, depressa. Antes que perdesse o controle e deixasse o olhar descer para aqueles seios incríveis.

Certo, então ele era um homem que adorava tetas. Ele não podia evitar, e ela tinha as mais incríveis que ele já tinha visto.

Ele retraiu uma respiração rápida e fortalecedora enquanto fazia sua passagem pelo salão de baile, o hall da entrada, então depressa entrou no escritório mudo, vazio, que o almirante deixava disponível para seus homens durante as festas chatas que a irmã dele insistia em dar no nome dele. Holloran deveria se casar ou algo assim, com uma pequena esposa agradável e tímida que não gostasse de festas em vez de deixar a irmã montar a sua vida social.

Ele marchou através do cômodo para o bar, puxou uma garrafa da estante, e colocou uma dose saudável de uísque enquanto ouvia a porta abrir atrás de si. E ele sabia. Inferno, ele sabia quem estava lá atrás.

Ele virou o uísque. — Vá para fora brincar, garotinha. — Ele fez uma careta enquanto a via por um momento no espelho acima do bar. — Você está abocanhando mais do que pode mastigar dessa vez.



Ele a conhecia há anos. Conhecia, evitava e vivia com o medo e a antecipação da chance de tocá-la.

— Tenho uma mensagem para você. — A voz não estava provocadora desta vez, era um estalo frio. Um adequado, aristocrático e quase sagrado, vá se danar, em forma de chicote na voz.

Fez o pau dele duro. Fez as bolas apertarem em fome e os dedos enrolarem com a necessidade de tocá-la. — Então, qual é a mensagem? — Ele esfregou o rosto antes de olhar rapidamente no espelho novamente.

Ela estava debruçada contra a porta, os olhos reluzindo com raiva, e os lábios luxuriantes estavam apertados com irritação.

Ela abriu a pequena bolsa de noite que carregava e tirou um papel, estendendo-o para ele enquanto ela cruzava o cômodo, então o bateu na palma da mão aberta dele.

Então, ele cometeu o maior engano de sua vida. Ele não leu o papel e o enfiou no bolso da calça. E ele certamente não era tolo o suficiente para lê-lo. Oh, inferno, não. Com a mão livre, ele agarrou o pulso dela e a puxou, enfiando a nota no bolso com a outra mão e então, enrolou a mão ao redor da cintura dela e puxou-a para mais apertado contra seu corpo.

Inferno. Merda. Puta que pariu.

Aqueles montículos firmes apertaram contra o inferior do tórax dele, a cabeça dela caiu para trás, choque e luxúria clareando os olhos enquanto a cabeça dele abaixava.

Ele era louco. Estava destruindo a carreira, aqui mesmo, com um único beijo.

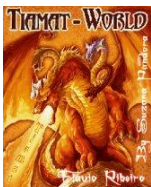
Os lábios tomaram os dela. Como um homem que sofre de fome de paixão, um homem de repente vigorosamente ciente da fome tomando severamente suas entranhas.

E ele estava com fome.

Os lábios dela se separaram com uma arfada e ele estava lá, a língua acariciando por eles, ousando-a a fazer o pior que podia com aqueles pequenos dentes afiados. Desejando que ela o fizesse, porque então, talvez, ele pudesse achar a força para soltá-la.

Mas ela o mordeu? Ela jogou o joelho contra suas bolas torturadas como deveria? Inferno, não, ela tinha perdido a cabeça também. Os braços esbeltos de repente estavam ao redor do pescoço dele, os dedos correndo em seu cabelo e os lábios abrindo, tomando-o, a língua enroscando com a dele enquanto um grito áspero sussurrava contra seus lábios.

Ela tinha gosto de mel e pimenta e o gosto foi diretamente à cabeça dele. Beijá-la era como submergir em uma doçura viciante. Ele a lambeu, a língua emaranhando com a dela, e antes que ele percebesse a idiotice de suas ações, as mãos estavam descendo as pequenas alças do vestido, arrastando-



as para baixo em seus braços. Os lábios saíram dos dela e viajaram seu pescoço abaixo, o arco da garganta, rumo ao mamilos, enquanto os dedos polegares acariciavam eles, apertando-os mais.

Ah, inferno, ele não podia respirar, não podia pensar. Ele tinha que saboreá-la.

Ele a ergueu contra, e a deixou no banquinho acolchoado do bar, as mãos emoldurando aqueles seios deliciosos, erguendo-os para ele enquanto a boca capturava um broto apertado e quente entre os lábios.

Ele tinha pensado que poderia se segurar naquele ponto. Ele tinha pensado que o prazer de finalmente saborear as tetas de Emerson seria o suficiente para dar a ele o controle que ele precisava para se agarrar e apreciar. E ao fazer isto, ele pudesse achar pelo menos um único pensamento e se lembrar de que ele não estava apenas brincando com fogo, estava brincando com a própria carreira.

Mas ele pensou? Pensar foi para longe quando ela gemeu seu nome tão ofegante, a voz chocada. Rasgou a mente dele, deixando-o descontrolado e o levou para uma realidade onde a única coisa que importava eram os dedos dela emaranhando em seu cabelo, segurando-o ao seu seio enquanto ele chupava o mamilo apertado como um homem que se afoga em luxúria e prazer.

Unhas afiadas correram em seu couro cabeludo, puxado seu cabelo, arrastando-o para perto enquanto ela arqueava e empurrava o mamilo mais apertado entre os lábios dele.

A mente não o controlava agora. O membro, sim. Espesso e duro e puxando embaixo da calça comprida. Uma mão foi para a coxa dela e ele começou a empurrar aquele suave vestido de festa para cima para ver as pernas que ele sabia que tinham que ser mais suaves do que o tecido.

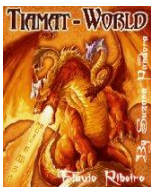
Isto era o que acontecia quando um homem se negava algo. Quando ele trabalhava sem folgas para brincar. Quando empurrava de volta a luxúria e se recusava a afogar a ânsia do corpo de uma mulher em outra mulher. Era isso o que acontecia. Porque então a debilidade se tornava fome, e a fome se tornava um instinto voraz que se recusava a ser controlado.

Até que a porta do escritório abriu violentamente, fazendo sua cabeça girar para o espelho, o olhar batendo com o olhar enfurecido do almirante. O almirante que estimava sua afilhada como a maioria dos homens fazia com os próprios filhos.

Almirante Samuel Tiberian Holloran. Conhecido como o Comodoro pela maior parte dos homens que serviam abaixo dele. Um bastardo conservador quando a questão era a afilhada.

Macey protegeu Emerson com o próprio corpo, os seios nus apertados contra seu tórax enquanto ela lutava para endireitar o justilho. Ele sentiu gelo no fundo da alma enquanto seu olhar ficava preso no do almirante.

—Meu escritório— o almirante grunhiu. —Agora!



Holloran abriu a porta, marchou para fora, e bateu-a com força o suficiente para Macey se surpreender pela armação não ter rachado.

Recuando, ele olhou para Emerson abaixo. O rosto dela ainda estava corado com prazer, mas os olhos estavam preocupados.

—Obrigado— ele retrucou enquanto ia para longe dela, assistindo enquanto ela arrastava as alças sobre os ombros, uma sugestão de confusão, de dor, no rosto.

—Pelo quê?

—Por ficar longe de mim como eu te pedi. Você é problema Senhorita Delaney. Mais problema do que eu acho que preciso agora mesmo.

Com isto, ele marchou para fora do estúdio e se dirigiu ao escritório e para a explosão que sabia que estava vindo. Inferno, ele tinha acabado de voltar a ser tenente, para quê? Só para poder ir direito de volta para baixo porque estava com fome, faminto e desejando uma mulher tão longe de seu alcance que ela poderia bem estar em outro universo. Uma mulher que Macey sabia que o Almirante Holloran poderia matar por ela. Uma mulher para qual ele tinha dado o coração.

Inferno, ele deveria ter ficado em casa.

Enquanto entrava no corredor, pegou a nota de dentro da calça que Emerson tinha acabado de dar a ele.

O almirante solicita uma reunião, O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL, no escritório. Landry.

Inferno. Nenhuma maravilha o almirante estar puto. Só Deus sabia quando seu ajudante havia dado a mensagem a Emerson. Uma coisa era certa, o almirante estava lá desejando sangue. O sangue dele. E Macey sabia que seria muito sortudo se sobrevivesse.

Capítulo Um

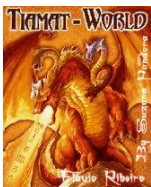
Três semanas depois

Emerson tinha sido sequestrada.

Esse conhecimento ecoava pela mente de Macey desde o momento em que ele recebeu o telefonema do almirante até o segundo em que recebeu as informações da localização dela.

Ela tinha sido tirada dele. Enquanto o almirante falava com voz taciturna, ela tinha sido roubada. E os olhos azuis do almirante, estacas de ira glacial, encaravam Macey.

— Você a achará. Ache e a esconda, Macey. Você é o melhor, e é isso o que ela precisa agora.



O melhor. Sim, ele era o melhor nisso. Rastrear, matar. O almirante se certificava de que seus homens fossem os melhores; e considerava Macey um dos seus, apesar dos problemas entre eles.

Agora, Macey estava abaixado no canto do armazém sombreado e disse a si mesmo que isso era o normal em um dia de trabalho. Ele passaria por isso porque não tinha uma escolha, e ele faria isto direito porque esse era o único modo que ele sabia como fazer as coisas. Mesmo quando ele fodia tudo, ele sempre fazia o certo no fim. Responder à chamada do almirante à meia-noite era sua chance.

Ele tinha fodido tudo no último mês. Ele não tinha apenas perdido um grau por mexer com a mulher errada, mas tinha ido para longe da mulher também. Movimento tolo. Inferno, o almirante tinha todo o direito de ficar puto quando exigiu saber as intenções de Macey em relação a sua afilhada. Ele tinha, afinal, acabado de pegar Macey em uma posição muito explicitamente comprometedor com ela.

Infelizmente, Macey não tinha as respostas certas, então dizer que ficou surpreso quando o almirante o ligou para atribuí-lo para a missão de salvá-la era um eufemismo. Mas como o almirante sabia, não havia como manter as informações longe dele. Não haveria como mantê-lo longe dela. E isso ia além do fato do almirante saber que Macey daria a própria vida para protegê-la.

Era parcialmente culpa dele e do almirante que ela tivesse sido sequestrada afinal. As sobras de uma organização terrorista e de escravidão branca que ele havia ajudado a destruir estava agora retaliando o almirante por causa de sua parte no assassinato do cabeça daquela organização. E a afilhada do almirante era seu ponto fraco.

—Lembre-me de colocar seus nomes na minha lista de cartões de aniversário— a voz de Emerson Delaney era suave e doce, coberta de açúcar e tão suave com sotaque do Sul que soava ridiculamente fora de lugar nesse armazém escurecido. — Qual é o seu nome mesmo? Moe, Larry ou Curly³?

O som de carne batendo em carne fez a temperatura do sangue dele elevar. Certo, ela era uma espertinha, mas essa não era nenhuma razão para bater nela, e algum bastardo dentro daquele armazém havia batido nela.

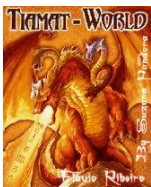
Ele mataria o bastardo que havia ousado tocá-la.

— Você, Senhorita Delaney, não está em posição de zombar. — A voz acentuada estava fria, propositada. — Você pagará pelos crimes do seu padrinho.

— Melodramático — ela pareceu ofegar. — Tão melodramático. Isto é uma falha francesa ou apenas a sua personalidade encantadora?

O bastardo a golpeou novamente. Macey sabia que teria que se mover antes que o bastardo colocasse uma bala na cabeça dela.

³ Moe, Larry e Curly – nomes dos personagens do The Three Stooges (Três Patetas, no Brasil) que foi um grupo cômico norte-americano das décadas de 30, 40 e 50 do século passado.



Sangue seria derramado hoje à noite, e não seria o de Emerson. Ele já tinha se decidido que essa mulher era dele, ele tinha apenas que mostrar sua reivindicação e convencê-la disto. Mas primeiro, eles tinham que dar o fora daqui. Pelo menos ele tinha o elemento surpresa. Os homens que a sequestraram de sua cama não tinham nenhuma pista de que a rota para o armazém tinha sido seguida.

Ele se virou para o SEAL com ele, encontrando os olhos azuis selvagens do demônio andando atrás.

Dezenove meses de tortura e abuso com droga quase tinham quebrado Nathan. Havia definitivamente mudado o SEAL para sempre, mas um ano mais tarde, ele estava indo em frente. Aguçado, selvagem, uma criatura da ira, mas indo em frente.

Ele ergueu três dedos. Havia três guardas de prontidão na entrada do armazém. Ele ergueu mais dois e apontou para dentro do armazém. Ele estava se preparando para dar o comando a Nathan para fazer seu caminho em torno do outro lado do armazém quando o filho da puta ergueu a palma da mão e agitou a cabeça.

Antes que Macey pudesse discutir, Nathan estava andando a passos largos em torno do armazém, tranquilo, frio como gelo, e louco de pedra. Puta que pariu. Macey friccionou os dentes novamente, moendo os molares e amaldiçoando os irlandeses loucos até o inferno.

—Ei, cara, eu preciso de fogo. — A voz de Nathan era minada, inarticulada enquanto tropeçava contra o armazém.

—Dê o fora daqui— um dos guardas amaldiçoou.

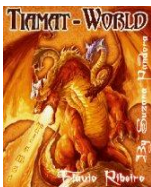
Macey espiou ao redor, com a arma de prontidão para os três guardas.

Macey viu a faca de Nathan cintilar na escuridão um segundo antes de ele enterrá-la em um ataque liso e duro, de baixo para cima no coração do primeiro guarda. O guarda ofegou, estremeceu, então pareceu cambalear com o peso de Nathan, levando-o para mais perto dos outros dois.

Três segundos depois e o sangue cobria o asfalto e três franceses, um dos quais tinha liberação da embaixada, como Macey tinha sido informado, estava contra a parede enquanto Nathan se movia para o lugar ao lado da porta, os olhos demoníacos brilhando através da distância.

Quem precisava de um time inteiro de SEALs? Ele e Nathan eram SEALs o suficiente para este trabalho. Nathan poderia ser um garotinho mentalmente instável na opinião de Macey, mas era um assassino foda. E isso era péssimo. Nathan costumava derramar sangue apenas quando não havia nenhuma outra alternativa. Agora, ele matava sem clemência, convenientemente. Ele não dava a nada ou a ninguém a chance de atingi-lo primeiro.

— O seu padrinho, o Almirante Holloran lamentará sua parte no ataque contra nosso líder — o terrorista estava furioso, como se Emerson desse a mínima. — Ele e aquela vagabunda traíram o pai. Uma



vez que a tivermos, você será executada, suas mortes serão visualizadas por milhões e alegrarão os seguidores leais a Sorrell.

Sorrell, o terrorista filho da puta e escravocrata branco que eles tinham levado abaixo meses antes ainda estava bagunçando as coisas, mesmo depois de sua morte.

— Desejo sorte com isto. — A voz de Emerson era fraca. — Eu realmente não esperaria mais do que alguma dúzia de ataques leais; o resto será apenas por entretenimento. Como um descarrilamento de trem. — A voz era impertinente, mas Macey podia ouvir o medo nela.

Nathan deu aquele seu sorriso demoníaco. Um curvar duro dos lábios, o flash dos dentes brancos, fortes e morte dura e fria. Ele era uma máquina de morte agora, determinado a botar a baixo as últimas células da organização terrorista que tinha protegido Sorrell. Até que estivesse acabado, ele não poderia retornar a sua própria vida, não poderia reclamar a esposa.

Nathan gesticulou, significando que eles deveriam entrar baixo, pegar os dois do lado de dentro de guarda baixa, e pegar a garota. Inferno, seria arriscado. Muito arriscado. Ele agitou a cabeça e começou a gesticular um movimento menos arriscado quando Nathan se abaixou, abriu a porta com uma pancada e começou a dar tiro. — Seu bastardo estúpido! — Macey grunhiu, fúria e uma ponta de medo crescente nas entranhas enquanto os sons de fogo de artilharia explodiam pela noite.

Ele se jogou no cômodo, rolando para a cadeira em que Emerson estava amarrada e ficando sobre ela. Ele puxou a faca da bota e fatiou as cordas que seguravam os pulsos e os tornozelos dela. Os dois homens com ela estavam sobre seus próprios sangues enquanto Nathan se movia depressa para cobrir Macey.

— Há mais vindo — Nathan silvou enquanto Macey verificava a garota depressa em busca de danos.

Ela o estava encarando. Os olhos castanhos eram pontos de fúria, o verde neles quase obscurecendo o marrom, reluzindo em raiva enquanto ela grunhia de volta para ele. Essa era Emerson — medo a deixava brava. Fazia com que ela se revoltasse e grunhisse e isso era muito preferível às lágrimas. Será que ele poderia lidar com as lágrimas da Emerson?

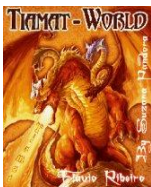
— Nós temos que correr — ele a advertiu.

— Você tem que tirar o seu traseiro pesado de cima de mim primeiro — ela arquejou. — Droga, Macey, você pesa uma tonelada.

— Movam-se! — Nathan retrucou atrás deles. — Eles estão vindo!

Ele a colocou de pé, ignorando sua arfada, agarrou-a pelo pulso e a puxou pelo edifício sombreado e cavernoso em uma corrida abaixada.

— Eu perdi um sapato — ela ofegou.



— Então perca o outro — ele rosnou, verificando atrás deles e rezando para que Nathan continuasse em frente ao invés de ir para trás e derramar mais sangue.

Aquele garoto ia acabar se matando, se não acabasse matando todos eles.

— Vou colocar na sua conta — ela o informou, a voz suave apesar da qualidade ofegante e o medo nos olhos. — Você pode pagar por eles mais tarde.

— Certo — ele grunhiu, girando ao redor de outro engradado enquanto a frente do armazém estourava em palavrões. — Eu comprarei um novo par para você.

— Eles são muito duros de achar — ela o informou com paciência irritável enquanto ele a empurrava para o chão, alguns metros da entrada dos fundos, e fez um gesto para Nathan assegurar a saída.

— Ele deveria ir lá fora sozinho? — Ela se debruçou perto da orelha dele e disse a pergunta. — Os caras maus deveriam cobrir as costas dele, não deveriam?

Nathan deu o sinal de tudo limpo.

— Não dessa vez. Cale-se e corra. — Ele a puxou para trás dele, movendo-se além de Nathan enquanto ele pegava o rifle automático que eles tinham escondido antes. Ele seguiu as costas de Emerson, colocando-se entre ela e quaisquer balas que teriam voado pela noite.

As luzes no armazém iluminaram e o lote inundou em cor, apenas por um milissegundo depois da força voltar e ele puxou rapidamente o elo da corrente que ele havia cortado anteriormente. O caminhão estava no outro lado do lote vizinho, menos do que quatrocentos metros e com bastante cobertura. Com alguma sorte eles estavam livres para ir para casa.

— Eu não posso correr assim — Emerson ofegou atrás dele.

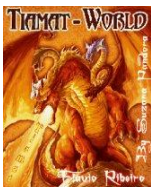
Deus, ele havia pensado em “sorte”? Ele não tinha se lembrado que a sorte não era exatamente favorável a ele mesmo nos melhores tempos?

Ele olhou de volta e quase gemeu. Enquanto ela corria, aqueles peitos impressionantes, de fazer a boca de um homem encher d’água estavam balançando, lembrando-o de mais de uma noite de sonhos eróticos que ele já tivera em relação a eles.

— Estamos quase lá. — Ele a puxou para si, colocando o braço ao redor de sua cintura, e quase a carregou enquanto eles serpenteavam pelos engradados grosseiros, sombreados, equipamentos e veículos que enchiam o lote do armazém industrial no qual estavam correndo.

Nathan se movia depressa à frente deles agora, assegurando a área até o caminhão enquanto Macey friccionava os dentes novamente. O peito esquerdo dela estava se movendo contra a lateral do corpo dele, um peso firme e erótico que ele deveria levar um tiro por notar.

Salve a garota primeiro, ele lembrou a si mesmo.



Mas não eram apenas os seios que o atraíam e Macey sabia disto. Era a mulher, e isso era o que o apavorava até as botas de combate. A mulher que poderia deixá-lo de joelhos, e ele tinha a sensação de que estava pronto para ficar de joelhos.

Emerson Delaney soube que estava em apuros no minuto em que mãos duras a arrancaram da cama e tiraram de sua casa. Ela tinha sido levada de carro por Atlanta cercada por olhos duros e frios de terroristas com intenção de morte. Não havia nenhuma dúvida em sua mente de que eles tinham a intenção de matá-la. Da mesma maneira que não havia nenhuma dúvida na mente dela de que Macey seria enviado para salvá-la.

Alto, mais de um metro e noventa, talvez um metro e noventa e três, olhos marrons escuros, cabelo longo e escuro, um garoto malvado com rosto sensual. Ele era o rebelde, o desordeiro. O homem que ela não podia parar de pensar ou sonhar. E que ela sabia que viria por ela.

Os pensamentos dela foram interrompidos quando Macey March a jogou no banco de trás de sua picape de cabine dupla, entrou depois dela, e deu ao outro homem a ordem de dirigir. Eles saíram do estacionamento lentamente, luzes apagadas, em vez de sair cantando os pneus, o que seguramente teria alertado quaisquer terroristas por perto.

O veículo escuro se misturava com as semi-sombras e saiu do distrito do armazém e entrou no tráfego. Os faróis apareceram então, e ela se perguntou se era certo ela respirar agora.

Ela deu uma olhada rápida para Macey acima, ciente de que ele estava assistindo o tráfico com olhos intentos e estreitos, a arma segura baixa contra a coxa, a mão dele ainda apertando os ombros dela contra a cadeira de couro suave, mantendo-a escondida da visão.

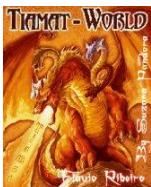
— Você podia abaixar a minha saia? Está subido. — Havia um demônio malvado nela que acordava a cada vez que ela entrava em contato com o SEAL enorme, taciturno.

Ela não podia evitar. Provocá-lo era seu esporte favorito.

Uma mão grande e larga alisou sua saia do alto da coxa, até depois dos joelhos. E ele fez isto... lentamente. Como se estivesse saboreando o ato. *Ela* certamente estava. Ela olhou fixamente para ele na escuridão, ciente do fato de que ele estava aparentemente inalterado.

— Obrigada, fico agradecida. — Ela moveu as pernas contra ele. — Da próxima vez em que eu for sequestrada, lembre-me de colocar uma calcinha.

A expressão dele ficou apertada, assim como a mão no joelho dela. — Não foda comigo agora.



— Eu estou completamente vestida, Tenente, então 'foder' com você é a menor das minhas preocupações no momento.

Ele deu a ela um sorriso lento, predatório.

— Se você não fechar essa sua boca espertinha, eu terei que fechá-la para você

— Como você vai fazer isto? — Ela sussurrou de volta. A excitação batia dentro dela enquanto ele se debruçava sobre ela, trazendo seu rosto mais perto, os lábios ainda mais perto, fazendo a boca encher d'água.

— Cortando a sua língua. Eu culparei os terroristas.

Ela suspirou com abatimento. — Maldição. Lá vai aquele anel de língua que eu ia comprar.

Uma risada áspera soou do motorista enquanto os olhos de Macey estreitavam em contemplação.

— Dê-me problema Em, e lamentará.

— Dê-me seu lábio, Macey, e eu o morderei. — Ela juntou os dentes de volta para ele e foi recompensada com uma labareda de luxúria no olhar. Infelizmente, a luxúria veio com mais do que ela esperava. Veio com um sorriso de lobo e um torcer de lábios sabedores.

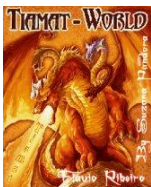
— Seja cuidadosa Emerson, porque eu sei como morder de volta.

Capítulo Dois

Emerson Jennifer Delaney estava tremendo. Pelo menos, do lado de dentro. Ela estaria ferrada se deixasse Macey, o grande, duro e largo Navy SEAL que desejava por toda a vida, ver do lado de fora que ela estava tremendo. Ela não deixaria *ninguém* vê-la tremer pelo lado de fora se ela pudesse evitar. Não era aceitável. Boas crianças da Navy tinham o lábio superior duro e mantinham seus medos para si mesmos. Eles não eram bebês reclamões ou fracos, e se cometessem o engano de serem um na família dela, então aprenderiam rápido os erros de seus modos.

Então ela se deixava tremer do lado de dentro. Durante todo o trajeto, enquanto as pernas permaneciam sobre as dele, a mão grandes ocasionalmente emoldurando seus joelhos enquanto ele dava um olhar aquecido a ela.

Caso contrário, ele assistia o tráfico, mantinha o olhar cuidadoso pela janela de trás, e conversava com Nathan Malone em jargão de SEAL que Emerson tinha apenas meio que aprendido a traduzir ao longo de sua vida lidando com Navy SEALs, almirantes, e vários oficiais.



Até a mãe dela era uma oficial, assim como as tias do lado do pai, vários tios e primos. O lado inteiro do pai dela, em três gerações, Emerson era a única a resistir à tradição e fazer vida e carreira fora daquela instituição sagrada.

Então, traduzir conversa de SEALs não era fácil.

Ela sabia que eles estavam dirigindo sem objetivo ao redor de Atlanta para se certificar de que não havia ninguém os seguindo. Então, Tenente Malone iria soltá-los e dar o relatório ao almirante. Depois disto, havia algo sobre escondê-la em uma caverna. Ela esperava que fosse uma piada, porque, bem, cavernas tinham percevejos e morcegos e coisas em geral, e ela não gostava de percevejos, morcegos e essas coisas.

— Tudo limpo — Macey finalmente murmurou depois de olhar a janela do fundo pelo que pareceram horas. — Leve nos para o local marcado e então vá. Clint estará de volta aos States por volta do amanhecer. Encontre com ele e diga a ele o que está acontecendo. Kell e Reno estão FdoP por mais alguns dias.

FdoP. Certo, ela podia entender isso. Fora do País. — O almirante vai querer saber sua localização — Nathan o lembrou. A voz arruinada era severa, mas havia apenas uma sugestão, o mais leve sabor da Irlanda que se movia furtivamente. Ela apostaria que a voz dele teria sido de molhar a calcinha antes de ele ter sido torturado por Sorrell e seus associados.

— Sabe — Macey o lembrou. — Clint não sabe. Até que eu saiba que nós estamos seguros, Nathan, eu não confio em ninguém. Nem mesmo no almirante.

Era muito importante. Emerson era muito importante. E os cabelos da nuca dele formigaram com o pensamento de deixar o local claro até para o almirante.

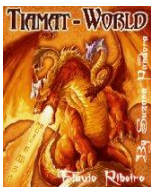
Nathan movimentou a cabeça nitidamente enquanto as iluminações internas das ruas da cidade ficavam mais separadas e as luzes mais escuras das áreas residenciais mais distantes, lançavam sombras mais longas, mais escuras na caminhonete.

— Posso me sentar em cima agora? — Ela estava cansada de deitar as costas e olhar fixamente para Macey ou o teto. Não que Macey não fosse uma coisa boa para olhar, mas ele não estava dando nenhuma atenção a ela, então isso fazia o desconforto dela um pouco mais notável.

— Não ainda. — A mão apertou no joelho dela novamente e deu excitação a ela. Ela era patética, realmente. Molhar a calcinha por um toque de dedos contra seu joelho. O quão baixo uma mulher poderia descer?

— Isto é desconfortável, Macey.

— Assim como a morte. — Cortante e impessoal. Ela odiava essa voz.



— Você acredita que a morte é desconfortável? Achei que você não sabia.

— Você vai ser amordaçada se não se calar. — Ele fez uma carranca para ela abaixo.

Emerson torceu o nariz. A malvada dentro dela estava agitando e medo e ficar quieta não era fácil. Se ela não ficasse falando, aferroando ou insultando, começaria a chorar. E ela realmente odiava chorar.

— Aqui vamos nós. — Macey abriu a porta, saltou para fora e agarrou as pernas dela, puxando-a através do banco de couro enquanto ela empurrava para cima em resposta.

— Vamos — ele ordenou enquanto agarrava a cintura dela e a deixou na calçada de uma área residencial menos do que respeitável.

— Eu não tenho sapatos — ela o lembrou.

Ele começou a arrastá-la por uma fila de sebes espalhadas enquanto a picape ia para longe do meio-fio e embora.

Ela estava quase histérica com medo, bem ciente do fato de que estava em um pequeno problema. Afinal, terroristas não arrancam as pessoas da cama só porque deu vontade, a menos que eles tivessem planos muito ruins para você.

Ela estremeceu com o pensamento e agradeceu ao deus Macey por estar muito ocupado arrastando-a pelo quintal de alguém para notar.

— Nós estamos quase lá. — A voz dele era baixa, lisa, um golpe nas emoções quebradas dela enquanto ele a levava pelo matagal espesso de um quintal abandonado e na porta lateral de uma garagem.

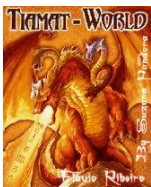
— Onde nós estamos? — Ela perguntou enquanto se deixava ir e marchava pela escuridão.

Um segundo mais tarde, lanterna na mão, ele recuou de volta para ela e tomou o braço dela uma vez mais.

— Cuide dos passos aqui. — Ele a levou por um labirinto de veículos enferrujados antes que eles chegassem à porta dos fundos. Ele puxou de lado o painel de alarme eletrônico, retirando os arames e acessando o painel de segurança dual escondido onde esmurrou o código de segurança, esperou alguns segundos, e reconectou os arames no painel dianteiro antes de substituí-lo.

Sistema de segurança de tolo, ela pensou, verificando enquanto ele a puxava pela porta. Incomum e inesperado. Ninguém que tentasse acessar o código, não importando as ferramentas, bloqueadores, ou métodos, ativaria um alarme simplesmente ao tentar desativá-lo.

O interior da casa era muito escuro, o cheiro um pouco bolorento, como se fosse raramente visitado. Houve o deslizamento de uma porta, o ar mais fresco enquanto ele a puxava pelo corredor, então foram para o andar de baixo.



Emerson tentou se orientar. Atrás dela, podia ouvir o deslizamento de uma porta e então qualquer outra coisa. Um zumbido, um clicar, e então uma explosão de luzes.

Ela colocou a mão na frente do rosto para proteger os olhos, piscando enquanto as luzes escureciam marginalmente.

— Desculpe, eu as deixei no máximo antes de sair ontem à noite. — Macey permaneceu no centro do que ela assumia era a “caverna”.

Ela observou. Através do cômodo havia um computador e um terminal de servidor, roteadores, sistemas secundários, e discos rígidos externos. Um gabinete de metal continha uma pilha de monitores piscando, imagens mostrando dentro de uma casa. Cada quarto e corredor era exibido e várias outros locais cobertos pela escuridão de fora com infravermelho e detectores de calor.

O olhar dela deslizou para Macey enquanto ele marchava para a estação principal, sentava em uma cadeira pela qual ela daria um braço para ter no trabalho, e com as mãos grandes e largas começou a digitar uma série delicada de comandos sobre um teclado.

Emerson foi para mais perto do centro de comando, os olhos acompanhando cada equipamento eletrônico, com vigilância e cautela, e ergueu as sobrancelhas para a instalação impressionante.

— Dê-me um minuto para instalar a segurança e eu te mostrarei o local.

Emerson olhou em volta e parou na pequena cozinha/sala de jantar no canto ao lado dos degraus. No outro lado estava uma sala de estar aberta com um sofá de canto, uma televisão de plasma com recepção via satélite e um conjunto completo de som. Algumas prateleiras de livros. Uma mesa de café e uma porta que levava a algum outro tipo de quarto. Ela esperava que existisse um banheiro em algum lugar.

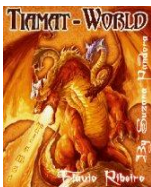
— Onde nós estamos? — Ela esfregou os braços e lutou contra o frio começando a invadir seu sistema.

O relógio na parede jurava que eram quase cinco da manhã; ela sentia como se tivesse passado dias em vez de horas desde que tinha sido arrastada de seu apartamento e jogada em um furgão fedorento.

— A caverna — ele murmurou, curvado sobre o teclado, os dedos trabalhando as teclas com movimentos rápidos que ela teria ficado impressionada não fosse o fato de estar sentindo frio, exaustão, e não certa de qual degrau. — Eu não gosto de cavernas. — Ela mordeu o lábio enquanto olhava fixamente em torno das paredes de madeira escura.

— Fique calma, Emerson, estarei com você em um minuto. — A voz dele estava cortante novamente, impaciente.

Uma carranca marcava os cantos dos lábios dela, tinha sido uma noite longa e ela precisava de ar fresco...



Ela parou abruptamente quando seus passos encontraram uma parede branca. Esticando a mão, ela procurou por qualquer mecanismo que a abrisse. Tinha que haver um mecanismo.

— Está eletronicamente controlado e só eu tenho o código.

— Por que não há uma porta normal?

— Está em um quarto seguro, Emerson— ele disse a ela tranquilamente. —Nenhuma entrada por dentro ou por fora sem o meu comando. Nós estamos fechados até que o Almirante Holloran e Nathan consigam entender tudo e capturar o líder da célula de terroristas que te levou de casa hoje à noite. Nós seremos companheiros de quarto durante algum tempo, então você poderia vir aqui e me deixar te mostrar o local.

— Você tem alguma ideia de quando isso acontecerá para que eu possa voltar para a minha vida normal? — Ela o assistiu, sentindo-se incerta, fora de equilíbrio. Não assustada, mas não se sentia segura dentro de si mesma.

— Você vai ficar se lamentando disso? — Ele deitou a cabeça de lado e a assistiu curiosamente. — Engraçado, Emerson, eu nunca te vi como uma chorona. Vamos, eu te mostrarei o quarto e o banheiro. Você pode se refrescar e descansar um pouco.

Ele andou a passos largos através do cômodo enorme em direção à porta na parede distante. Os lábios dela se separaram em choque. Ele a estava ignorando, andando a passos largos para longe dela como se as perguntas dela fossem o resultado de uma personalidade lamentosa. Ela *não* ficava se lamentando.

Os olhos dela se estreitaram até ficarem finas rachas. — Você está gostando, não é, Macey? — Cada palavra era precisa, dura.

Macey pausou na porta, girou e ergueu a sobrancelha.

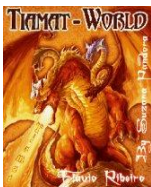
— Oh, sim Emerson, estou realmente apreciando. Em vez de estar nas ruas procurando terroristas, ou cobrindo as costas dos meus amigos, estou aqui. Com você. — O olhar passou pelo corpo dela. — Com as mãos atadas, esquivando das suas adagas, e rezando para o caso ser resolvido antes do fim de semana do reencontro da família March em algumas semanas.

Ela piscou de volta para ele em surpresa. — Você tem família?

— Eu não fui exatamente planejado.

— Nem são os coiotes, mas isso não os faz domesticados — ela atirou de volta docemente. — Sua família vive perto?

— Perto o suficiente.



— Apenas perto o suficiente? — Ela girou e se debruçou contra a parede, assistindo-o enquanto ele a assistia também.

— O que você quer saber, Em?

Ele era o único que a chamava de Em. Soava bom, muito melhor e muito mais feminino do que Emerson. Mas, o pai dela queria um filho, não uma filha. Eles não estavam preparados com nomes de menina quando ela nasceu.

— Talvez eu apenas queira saber sobre você. — Ela debruçou a cabeça contra a parede, de alguma maneira apreciando enquanto ele a encobria, o modo como ele a assistia como que cheio com confusão masculina.

— Não, você não quer, você quer me deixar louco. — A voz dele encrespou enquanto o olhar descia pelo corpo dela novamente. — E nisso você é boa. Seja cuidadosa, pode se voltar contra você dessa vez. Você é muito boa em me deixar louco, e isso deveria te dizer algo sobre este negócio que está esquentando entre nós. Você não me vai subjugar como faz com o almirante ou com os homens com os quais trabalha.

Os olhos dela estreitaram. — Eu me ressinto dessa observação, sabe. — Mas ela tinha que admitir que possuía esse hábito. — Talvez eu apenas queira achar alguém que possa ser mais esperto do que eu. Você pode fazer isso, Macey?

— Em qualquer noite em Lowcountry⁴ que você queira, amor.

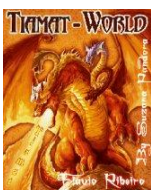
Aquela voz: escura, cascuda, de macho. Fazia algo a ela. Acalmava sua raiva e medo e fazia sua fome mais quente, mais brilhante, a necessidade de seu toque quase desesperadora.

A cabeça dele abaixou enquanto Emerson sentia o ardor lento e familiar, a mente ficando entorpecente com a necessidade que começava a enchê-la. Era mais do que excitação, mais do que fome, e ia mais fundo do que luxúria. Ela conhecia a luxúria. Ela já a havia sentido frequente o suficiente antes de Macey. Não, o que quer que fosse que o corpo dela desejasse deste homem, era diferente de qualquer coisa que ela já tivesse desejado de um homem antes.

— Será que vai se voltar contra mim? — Ela olhou fixamente para os lábios dele, hipnotizada, sentindo os pulmões lutarem por oxigênio enquanto a adrenalina começava a bombear dura e pesada por seu corpo. Ela teve que enrolar os dedos contra o lado do corpo para se impedir de tocá-lo, tinha que lutar para se impedir de saborear os lábios dele.

— Você quer descobrir? — Os lábios dele enrolaram em um sorriso.

⁴ Lowcountry - é uma região geográfica e cultural localizada ao longo da costa da Carolina do Sul. Anteriormente conhecida por sua riqueza agrícola e de prestígio, a região hoje é reconhecida internacionalmente por suas cidades históricas e comunidades, a beleza natural e o patrimônio cultural único, que atrai milhões de visitantes e milhares de novos moradores.



Aquele sorriso tampava isso.

— Não, Macey, eu quero que você me provoque — ela o informou impertinente antes de se virar.

Ela teria ido embora se ele não a tivesse agarrado. Novamente. Se os dedos dele não estivessem ao redor do pulso dela e a próxima coisa que ela sabia era que os seios dela estavam contra o tórax dele e os olhos dele estavam reluzindo para ela abaixo.

Esse olhar assombrava os sonhos dela. Cintilava com luxúria e consciência de que existia algo entre eles que ele não poderia lutar mais do que ela podia.

No momento em que os lábios dele tocaram os dela, estava terminado. Ela estava tentando subir no corpo dele, rastejar para debaixo da pele dele enquanto os lábios dele se moviam para tomar os dela.

Deus, essa era uma das coisas que ela tinha amado no primeiro beijo. Esquecer a iniciação ou a descoberta. Ele sabia o que procurava, sentia o que ela procurava, e dava imediatamente.

Os lábios cobriam os dela, os dentes beliscavam seus lábios até que eles se separaram, e a língua passou apressada dentro deles para reivindicar o território que já pertencia a ele.

Uma mão grande segurava as costas da cabeça dela, o braço apertou ao redor dela por trás, arqueando-a para ele. A altura e largura de seu corpo, os músculos esbeltos e poderosos, a confiança em seu abraço que a lavava, enchendo-a com uma consciência de debilidade feminina.

Mas, o medo a atingiu, duro e rápido.

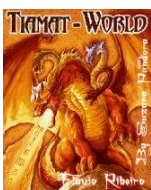
Ela saiu de seu aperto, pegando o olhar de surpresa no rosto dele enquanto ela tropeçava para longe. Ela não podia pensar. O instinto e a reação surgiram dentro dela. As veias estavam batendo com o sangue correndo apressado que abastecia sua excitação.

O que ela tinha acabado de experimentar era ainda mais intenso do que o primeiro beijo. Mais ígneo, mais difícil de controlar.

Enquanto ela olhava fixamente de volta para ele, lutando para fazer a língua trabalhar, esquecer a sensação da língua dele contra a dela. Ele sorriu para ela abaixo com algo similar a ternura. Ternura assombrosa, má.

— Fica quente, não é, Em? — Ele sussurrou, se movendo na direção dela, a cabeça abaixada, os olhos escuros.

Antes que ela pudesse considerar evadir, as mãos dele estavam curvadas ao redor dos braços superiores dela, o aperto leve, a resposta ao toque dele quase violenta. A cabeça dele abaixou para o pescoço dela, os lábios apertando contra a veia pulsante logo embaixo da pele. A carícia aquecida fez a respiração dela prender, as pálpebras tremularem com fraqueza sensual.



— Essa não é uma ideia muito boa. — Ela lambeu os lábios secos nervosamente, perguntando-se por que era mais forte e por que era mais quente do que o primeiro beijo um mês antes, por que a deixava mais fraca, fazia com que ela queimasse mais brilhante.

Ele bufou enquanto erguia a cabeça. — Não brinca. Na última vez que o almirante me pegou com você, eu perdi o grau. Talvez você me deva isto, Emerson. De tenente para tenente júnior não são apenas diversões e jogos. Eu deveria pelo menos ter um pouco do gosto pelo qual paguei, você não acha?

Dor relampejou dentro dela. — Eu não tive nada a ver com isto.

Ele encolheu os ombros enquanto a empurrava para longe dele. — O almirante poderia ter ignorado aquela última pequena infração se não tivesse me pegado devorando as suas tetas. Acho que isso pesou na balança.

Emerson sentiu o rubor queimar no rosto e a raiva florescer em sua mente.

— Ele não viu nada. — Ela podia sentir a respiração estrangulada na garganta com a lembrança do padrinho dela dando uma lição nela horas mais tarde.

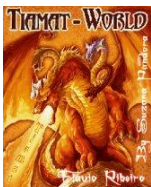
— Ele não tinha que ver. — A voz de Macey abaixou, a excitação ainda queimava em seus olhos brilhando enquanto o olhar chamejava pelo corpo dela. — A posição da minha cabeça era auto-explicativa. E se você não parar de me forçar, amor, vai achar meus lábios aí novamente, e, da próxima vez, eu não pararei. Agora, vá tomar banho, entre na cama, e pare de discutir comigo. Discutir com você só me faz ficar mais duro.

Ela o fazia ficar mais duro? Estava deixando-a mais molhada. E se ela não saísse deste porão seguro que ele chamava de caverna e fosse para longe dele, então ela sabia que entraria com tudo em uma relação que sabia que tinha o potencial de quebrar seu coração.

Ele não a queria, queria seu corpo. Ele não queria seu coração, ele apenas procurava sexo. E se lembrar disso não era fácil quando ele estava lá de pé, a calça jeans erguendo com sua ereção, o olhar quente e faminto. Ela estava terrivelmente com medo de que se lembrar disso não adiantaria muita coisa.

Capítulo Três

— Vamos, nós dois precisamos descansar um pouco. — Macey se forçou a ignorar a ereção o torturando. Ele tinha que colocar sua serpente de estimação no viveiro antes de ela ir para a cama. Drack era a defesa dele. Odiava armas e qualquer um com a habilidade de acessar sua caverna sem dúvida



estaria com uma arma. Ele não achava que Emerson gostaria de dormir enrolada com uma jiboia adulta em sua primeira noite aqui.

Além disso, havia algo em seus olhos que alfinetava seu coração, que a deixou se soltar lentamente e ir para trás. Não era exatamente medo dele, mas havia medo lá, incerteza, inocência. E esse olhar não fazia sentido para ele.

Ele sabia que ela já teve amantes antes, ele tinha tornado de sua conta saber. Ele sabia o histórico médico dela e o fato de que ela tinha perdido a virgindade entre a idade de dezoito e dezenove. Ela não era promíscua, mas ele sabia que ela não era uma pudica. Infelizmente, ela poderia ser inocente demais para um tipo como ele, porque as coisas que ele queria fazer com ela teria feito uma garota de programa corar.

Ela não falou enquanto ele se virava e abria a porta do quarto. Acendendo as luzes, Macey teve que ranger os dentes contra a visão da cama enorme através do quarto: grande o suficiente para duas pessoas brincarem de alguns jogos extremamente eróticos.

Pensamento tolo, ele disse a si mesmo, agitando a cabeça enquanto sentia o movimento dela pelo quarto cautelosamente.

Andando a passos largos para o closet, ele puxou uma de suas camisetas de uma das gavetas embaixo das roupas penduradas. De outra gaveta ele tirou uma calça leggings de algodão de sua irmã Stacey. Ela estava sempre deixando suas roupas dispersas em torno do andar superior da casa.

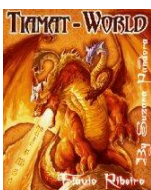
Saindo do closet ele deu uma olhada rápida para onde Emerson estava de pé no centro do quarto, olhando fixamente ao redor, resignação enchendo o rosto.

Ela deveria renunciar a isto também. Com a exceção da toca, este lugar era tão fechando quanto o Forte Knox⁵. Não havia como entrar e sair sem a ajuda dele.

— O banheiro é aqui. — Ele se moveu para a porta na outra extremidade do quarto, abriu-a e acendeu as luzes. — As toalhas e esponjas estão debaixo da pia, sabão, tanto em barra quanto líquido, que a minha irmã gosta, estão na estante ao lado da banheira. Pegue o que precisar.

— Agora você tem uma irmã, também. — Ela estava debruçada contra o umbral da porta, observando o banheiro com olhos castanhos que cintilavam com um verde mais brilhante do que antes. — Acho que você não foi planejado afinal, Macey.

⁵ Fort Knox - pequena cidade estadunidense e base do Exército dos EUA, localizada no estado de Kentucky, ao longo do rio Ohio. Abriga importantes unidades de treinamento e comando de recrutamento do exército, o Museu George S. Patton, em homenagem ao general da II Guerra Mundial e o United States Bullion Depository (Depósito de Ouro dos Estados Unidos), pelo qual o lugar é mais conhecido. A base é usada pelo exército e pelos marines para treinamento em tanques e treinamento básico de recrutas em simulação de combate real.



— Ache que não fui — ele disse lentamente, os lábios erguendo enquanto ele assistia os pequenos e afiados dentes branco mordiscarem o lábio inferior dela.

Ela estava nervosa. Ele raramente tinha visto Emerson nervosa, e nunca a havia visto incerta até agora. Ver isto nela fazia-o querer matar. Fazia-o desejar estar caçando terroristas com Nathan e acabando com eles. Deixava-o puto Emerson conhecer um momento que fosse de incerteza ou medo.

Ele assistiu enquanto ela se voltava para a entrada e girava para o quarto novamente. Os ombros estavam duros, a cabeça bem no alto, e enquanto ele se movia ao redor dela, pegou o chamejar de indecisão no rosto. — Eu quero que você me prometa que não tentará partir enquanto eu estiver tentando dormir, Em.

— Eu não sou estúpida, Macey.

— Eu não disse que você era estúpida — ele a assegurou. — Mas você é muito cabeçuda. O almirante deu as ordens, amor; ligar para ele ou tentar fugir para ele não vai fazer nada além de arriscar a sua vida. E se eu tiver que escutar outro ataque de um bastardo contra você, eu apenas vou acabar perdendo a calma.

Ele correu os nós dos dedos na contusão que havia se formado na bochecha dela, lembrando da ira mortal que havia se precipitado nele quando ele havia ouvido o tapa.

— Também não seria muito bom para mim — ela o assegurou, indo para longe dele enquanto um rubor clareava suas bochechas e excitação renovada reluzia nos olhos.

Oh, ela estava quente. Tão quente quanto ele e, da mesma maneira, estava tão pronta para a aeróbica no quarto quanto ele, ela estava apenas sendo cautelosa.

Macey pegou o braço dela enquanto ela ia para longe dele, mantendo-a parada enquanto o olhar dele relampejava de volta para o dela. Os olhos largos e cautelosos reluziam como esmeraldas e ameaçavam prendê-lo em uma rede de excitação.

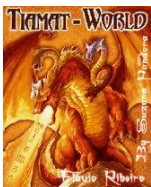
— Eu te disse que não era uma boa ideia. — A respiração dela engatou enquanto ele enrolava o braço ao redor da cintura dela e a puxava para seu corpo uma vez mais.

Ele não podia evitar. Ele precisava sentir os seios dela contra seu tórax novamente, precisava do gosto do beijo dela subindo para sua cabeça como uma bebida alcoólica potente.

—É a única ideia.

Os lábios dela separaram, se para protestar ou encontrar o beijo dele, ele não estava certo, então ele tomou o beijo.

Era tarde. O cansaço estava tomando os dois, mas ele não podia evitar, mais um gosto, mais um toque, isso era tudo o que ele precisava. A cabeça abaixou, os lábios tocando os dela suavemente enquanto ele a olhava fixamente nos olhos. Ele não tomou o beijo dessa vez, ele foi devagar, dando tempo



a ela. Ele lambeu os lábios até que eles se separaram mais. Ele beliscou a curva inferior e sentiu a respiração rota dela em resposta, viu suas pestanas tremularem enquanto as mãos dela cerraram em seus braços superiores.

E ele sentiu aquele aperto no coração novamente, que o havia advertido anos atrás de que o toque de Emerson ia mais fundo do que a carne. Mais fundo do que o osso.

Macey podia dizer que ela não sabia se devia afastá-lo ou puxá-lo para mais perto de si. A respiração dela era severa, irregular, os seios cheios movendo forte e tentadoramente contra o tórax dele. Ele queria encher as mãos com eles, sentir os duros pequenos mamilos contra sua língua novamente. Ele queria devorá-la.

— Macey, por favor... — Um sussurro de apelo suave saiu dos lábios dela enquanto ele os lambia, os olhos dilatando, o pequeno anel verde escurecendo em excitação.

Macey emoldurou sua bochecha com uma mão, o dedo polegar apreciando sentir a carne acetinada com umidade. Ele a podia sentir queimando, aquecendo para ele.

— Eu quero te tocar Em. — Ele beliscou o lábio inferior dela. — Eu quero te sentir sedosa e molhada.

A mão se moveu da bochecha dela para baixo no pescoço, no ombro. Indo mais para baixo, ele assistiu os olhos dela, a expressão, cada nuance de emoção que chamejava sobre seu rosto enquanto ele agarrava sua saia e a erguia. Ela tremeu nos braços dele, uma pequena e delicada ondulação de resposta que elevou as chamas dentro do corpo dele mais alto. Ele estava queimando por ela. Tocá-la era viciante, quanto mais ele tocava a carne suave e doce, mais ele queria tocar. Mais ele precisava tocar.

Enquanto a saia erguia pelas coxas, Macey assistiu os lábios de Emerson tremarem, partirem, lutarem para retrain ar.

— Eu posso te tocar, Emerson? — Ele sussurrou, as pontas dos dedos correndo ao longo da faixa elástica da calcinha onde elas curvavam em torno de uma nádega do traseiro dela.

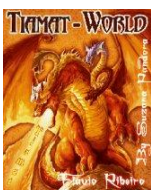
— Macey... — havia protesto e fome, medo e necessidade ressonando no tom.

— Apenas um pequeno toque — ele sussurrou, mantendo a voz suave, bajuladora.

Tocá-la significava tudo. Tocá-la agora mesmo era tão imperativo quanto respirar.

Ele moveu a mão ao redor da coxa dela novamente, correndo as pontas dos dedos sobre a forquilha úmida e suave de sua calcinha.

— Emerson. — Ele gemeu o nome dela enquanto sua testa descansava contra a dela. — Você está molhada.



O rosto dela corou mais brilhante enquanto os quadris dela empurravam, apertando a carne coberta de seda mais firmemente contra os dedos dele. Ela procurava, ela precisava, tão desesperadamente quanto ele.

Ele moveu a mão mais para o alto, deslizou os dedos na faixa baixa de sua calcinha, e um gemido rasgou de sua garganta enquanto os dedos tocavam os cachos úmidos. Uma doce e aquecida umidade sobre cachos sedosos, atraindo seu toque, sua fome, como nada mais podia fazer.

Ele não podia parar. Ele tinha que ter mais. Ele queria ver o rosto dela, assistir seus olhos enquanto ele a tomasse mais. E ele fez. Os dedos deslizaram na racha estreita, as doces dobras separadas e inchadas, e achou o néctar dos deuses.

— Você está quente. — Ele estava queimando vivo com o calor dela. — Quente e doce, Emerson.

Quente e doce. Emerson olhou fixamente de volta para Macey, lutando para respirar, fazer sentido das sensações selvagens que rasgavam por ela. Ela não podia achar a força para ir para longe dele dessa vez. Ela se sentia fraca, insensata, incapaz de processar qualquer coisa exceto o prazer. A sensação dos dedos correndo por sua vulva, abrindo os lábios sensíveis, circulando a entrada de sua vagina.

Ela se ergueu para mais perto, ficando nas pontas dos pés, desesperada para encorajar os dedos dele a irem mais fundo, deslizarem dentro dela, aliviar o nó apertado de pressão que se construía em seu útero.

Ela precisava do orgasmo. Oh, sim, ela precisava muito. Só por esta vez, nos braços dele, conhecer a culminação deste prazer.

Um dedo deslizou dentro dela. Caloso, firme, confiante, separou os músculos apertados e fez os sentidos dela boiarem. Chamas correram nas terminações nervosas e ela sentiu como se estivesse queimando viva em seu abraço, partindo-se a cada toque. — Aqui será meu, Emerson — ele grunhiu, o dedo empurrando dentro dela, enviando ondas de calor e prazer violento por cada célula do corpo dela. — Você vai ser minha. Você sabe que vai.

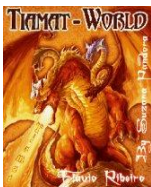
— Macey. — A cabeça dela caiu para trás enquanto ela lutava com as sensações. — Você não entende...

Os dedos dele se moveram dentro dela, quebrando seus sentidos. Mas nada podia cobrir a sensação de algo... algo liso enroscando ao redor de seu tornozelo.

Ela se moveu e olhou para baixo. Os olhos alargaram. O terror rasgou por seus sentidos enquanto um grito horripilante saía de sua garganta.

Emerson saltou enquanto uma cabeça erguia, a língua tocando o tornozelo nu dela.

Nada importava além de fugir.



Ela estava gritando, arranhando, tentando rastejar sobre o corpo de Macey, frenética para evadir da maior e mais apavorante cobra que ela já tinha visto na vida.

Num minuto ela estava subindo no corpo de Macey, no seguinte ele estava amaldiçoando e eles estavam caindo. Ele estava rindo?

Eles rolaram para longe do réptil muito longo, muito espesso, mas não era o suficiente. Emerson se moveu para escapar. Sentiu o joelho bater no corpo de Macey, ouviu seu grunhido, sua maldição estrangulada. Arranhando no chão de madeira, ela finalmente conseguiu se arrastar para cima na cama, arquejando, certa de que a serpente a estava seguido.

Mas tinha ido embora. Tinha ido e Macey estava rolando no chão, as mãos segurando entre as coxas enquanto algo entre uma risada e um gemido deixava sua garganta.

— É uma cobra! — Ela saltou para o chão agora que parecia que o animal tinha sumido e enrolado no braço dele. — Levante, Macey. É enorme. Oh, meu Deus, é horrível.

Ele estava rindo?

Emerson olhou fixamente em torno do cômodo, viu por um momento a cabeça do réptil enorme embaixo de uma cadeira e gritou novamente. Ela voltou para a cama, olhando fixamente para a cadeira em horror.

— Macey, levante. Oh, meu Deus. Macey, levante. — A cabeça do animal era do tamanho de uma bandeja, e a boca com certeza era grande o suficiente para tragar um tornozelo inteiro.

— Drack. — Macey gemeu, ficando de joelhos e dando uma tosse um pouco ofegante.

— Você está louco? — Ela gritou, assistindo a cadeira cuidadosamente. — Onde está a arma? Diga e eu a pegarei. — Ela estava apavorada por ele talvez não conseguir sair do chão a tempo.

— Drack. — Ele riu; ele estava rindo, pelo amor de Deus.

Emerson olhou de volta para ele, lutando contra o pânico, o medo. — Que diabo é Drack? Macey, por favor, suba na cama.

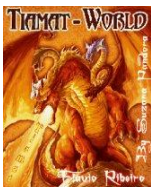
Ele riu mais forte.

— O que é tão engraçado? — Ela gemeu, ainda vigiando a cadeira. — Por favor, você pode subir na cama até que a gente ache uma arma?

Ele se endireitou, se curvou de novo para rir e então se endireitou.

— Você acabou de apavorar a minha jiboia, Em. E acabou me golpeando junto. Inferno, aposto que você é parente da Morganna. — Ele riu novamente, vendo o olhar chocada dela enquanto as palavras dele começavam a ser entendidas.

— Você mora com uma cobra? — Ela ofegou.



— Bem, ela vive aqui. — Ele riu silenciosamente, se moveu para a parede mais longe, e apertou uma alavanca.

E lá estava, o maior aquário que ela já havia visto, água ondulando, folhagem e pedras exibidas atrás do vidro enquanto Macey abria a porta.

— Apareça Drack, hora de ir para casa.

Drack. A cobra. A cobra enorme. Com pelo menos três metros e meio de comprimento, o réptil escorregadio saiu de debaixo da cadeira com facilidade preguiçosa e deslizou para o aquário.

Assim que ela estava do lado de dentro, Macey fechou e trancou a porta de vidro antes de se voltar para ela com um sorriso.

— Ela cuida do lugar enquanto eu não estou.

Emerson se sentou devagar, olhando fixamente para o aquário bem iluminado, certa de que seu coração havia parado e ela havia morrido.

— Ela vive aqui?

— Logo ali. — Macey anuiu com a cabeça, rindo, enquanto apontava acima do ombro para a gaiola de vidro.

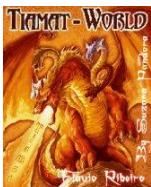
— Você deveria ter me deixado com os terroristas — ela disse. — Teria poupado eles de terem que me recapturar depois que eu deixar aqui. Porque de jeito nenhum, de forma nenhuma, nem em um milhão de anos, que eu vou ficar aqui com uma cobra.

Capítulo Quatro

O sono de Emerson foi inquieto aquela manhã, cheio com visões de um Macey nu e uma jiboia enroscada ao redor do corpo nu dele em vez do dela a estar lá. Língua chamejante e olhos ousados impediam-na de tocar no corpo musculoso e cintilante dele.

Ela não deveria ficar aborrecida com isto. Ela não se considerava inocente, às vezes ela se considerava muito, muito cínica. Ela tinha aprendido há anos que defender o coração não era fácil. Ela não era como a família. A Marinha, preservando honra e tradição, significava mais para eles do que tentar entender a criança desajeitada, muito sentimental com o qual eles se viram presos.

Os pais dela tinha sido superprotetores, e cada vez que ela tentava protestar contra as restrições, os pais a deixavam se sentindo culpada. Eles estavam tentando protegê-la. Eles não podiam trabalhar se ela estivesse constantemente chorando por sua atenção ou discutindo com suas precauções.



Então Emerson mantinha a boca fechada e suportava. Até se formar no segundo grau, até que saiu sozinha para a faculdade e começou a construir a própria vida.

Mas ela aprendeu que essas lições que ela não teve quando criança a seguravam de volta agora. Ela tinha sucesso na carreira, gostava dela e da companhia com a qual trabalhava. Mas interação, se permitir ser vulnerável, indefesa o suficiente para se permitir a pertencer a qualquer lugar ou a alguém, tinha ficado impossível.

Agora, estando na cama grande de Macey, a cobra monstruosa enrolada no tanque de vidro do outro lado do cômodo, ela admitiu que nunca tinha sentido essa perda mais sutilmente do que agora.

Ela poderia ter se enrolado contra ele, vivendo uma fantasia que havia virado realidade. Macey era o protagonista da maioria de seus sonhos eróticos por quase dois anos. Mas enquanto ela estava deitada ao lado dele, percebeu que ele, de alguma maneira, tinha conseguido se situar em seu coração.

Se ele fosse qualquer outro homem que ela já tinha desejado, então ela deveria pelo menos ter tomado o prazer físico que ele podia dar. Se ela não tivesse com desejo de mais do que apenas seu toque, se ela não almejasse mais do que apenas o beijo ou a possessão aquecida de seu corpo.

Aagitando a cabeça, ela se forçou a sair da cama, olhando rapidamente a mesa da cabeceira e o relógio lá. Marcava doze horas, mas se era meio-dia ou meia-noite, ela não tinha nenhuma ideia. Não havia nenhuma janela no porão que Macey chamava de caverna, nenhum modo de dizer se era dia ou noite.

Ela deu uma olhada rápida na gaiola de vidro e assistiu enquanto a serpente, Drack, como Macey a chamava, sacudir a língua para fora, os olhos exibindo algo similar a curiosidade.

Era de se esperar que Macey tivesse uma jiboia. Ele não poderia ter nada comum, não é?

— Bom, ela está acordada — ele falou por detrás dela, a voz preguiçosa e divertida enquanto ela arrumava a cama.

— É meio-dia ou meia-noite? — Qualquer um dos dois que fosse, ela precisava de café antes de arrancar a cabeça de alguém. — Meio-dia. Sol a trinta e dois graus. O homem da previsão do tempo disse que pode chegar a trinta e sete antes de anoitecer. Fique grata por nós estarmos no clima gostoso aqui em vez do calor sufocante lá de fora.

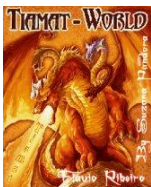
— Eu gosto do calor.

— Sim, eu gosto de quente também — ele a assegurou. — Quer que eu desligue o ar-condicionado?

Emerson agitou a cabeça. — Faça o que quiser desde que você tenha café.

— Eu não poderia viver sem ele. Tem almoço no fogão, prontinho para comer. Você pode tomar banho primeiro se quiser. Sopa caseira de carne com vegetais e pão. É uma das minhas especialidades.

Ela se endireitou e olhou para ele com suspeita.



— Sopa de lata não vira caseira só porque você a colocou no fogão, Macey.

Ela girou e pegou o flash do sorriso dele enquanto ele se debruçava contra o umbral da porta, os braços cruzados acima do tórax largo.

— Caseiro significa que eu fiz com os ingredientes naturais, espertinha. — Ele riu dela. Ele era a única pessoa que ela sabia que tinha a cara de pau de rir dela na cara dela.

— É seguro comer? — Ela se moveu para a cômoda e juntou a camisa e a leggings que ele havia deixado lá na noite anterior para ela vestir.

— Não é seguro grunhir para mim assim que acorda — ele disse a ela, apesar do riso não haver deixado sua voz. — Onde que você conseguiu essa atitude espinhosa, Em? É atraente demais na maior parte do tempo, mas quando um homem está tentando te seduzir, você deveria suavizar um pouco.

— Eu faço isso, quando quero ser seduzida. — Ela devolveu um sorriso apertado, mas a tensão que chicoteava por ela era qualquer coisa exceto raiva.

Ela podia sentir o toque dele. Os lábios nos seios, os dedos entre as coxas, e essa era uma coisa muito perigosa para se lembrar.

— Vá em frente e tome banho. — Ele agitou a cabeça para ela, o cabelo longo sobre os ombros enquanto os olhos suavizavam. — Eu arrumarei o café e te alimentarei. Talvez você fique melhor então.

— Você gosta do mundo dos sonhos em que vive, não é? — Ela perguntou a ele, mas ela tinha que admitir que queria sorrir. Era impossível ficar com raiva de Macey por muito tempo. Irritada, sim. Frustrada mais frequentemente. Mas raiva não era uma emoção que ela podia sustentar ao redor dele quando ele estava tentando ser bom.

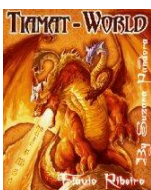
— Ei, bebê, meu mundo dos sonhos é o que temos aqui. — Ele sorriu ampla e maldosamente. — Quer saber a sua parte nele?

— Não obrigada, acho que eu posso descobrir sozinha.

Ela escapou depressa para o banheiro e tomou banho com o som da risada dele no ar atrás dela. Maldito, ele estava conseguindo afetá-la e ela sabia disto. Era ruim o suficiente ela ter todas estas emoções aborrecidas para lidar, mas lidar com elas quando a origem delas estava por perto não iria ser fácil.

Ela tomou banho depressa, secou o cabelo, e vestiu as roupas que pegou emprestada antes de andar a passos largos para a sala de estar com o cheiro de café e sopa caseira. Se o cheiro era uma indicação da comida, então estaria deliciosa.

— No fogão. — Ele estava sentado ao computador, um programa de segurança trabalhando com várias fórmulas e protocolos na tela que ela não conseguia fazer nenhum sentido.



— Nós tivemos um pouco de ação ao redor daqui cedo esta manhã algumas horas depois que chegamos — ele disse a ela enquanto apontava para os dois monitores à sua esquerda.

Um replay mostrava um furgão preto parado na ruela e quatro homens saindo dele.

Vestidos de sobretudos, eles entraram no quintal e começaram a investigar o lado exterior da casa.

— Eles conseguiram entrar? — Ela se moveu para o centro de controle e assistiu enquanto Macey apertava vários comandos para mostrar a ela cada visão da casa.

— Eles não entraram, mas só porque conseguiram compreender que o alarme da garagem tinha uma caixa de código falso. — Ele encolheu os ombros com isto. — Eles recuaram quando viram, pareciam estar verificando sinais de vida. Fizeram busca de calor e usarem dispositivos de busca de som. — Ele agitou a cabeça enquanto o replay seguia com os homens trabalhando em torno da casa com caixas pretas.

— Dispositivos militares? — Ela se debruçou para mais perto. — Pensei que eles ainda estavam no setor de Pesquisa e Desenvolvimento.

— Eu também — ele grunhiu enquanto esfregava a mandíbula e se debruçava de volta na cadeira. — Isso significa que os nossos meninos tem algumas conexões militares que nós não conseguimos definir.

— Você já tentou contatar alguém do time? — Ela perguntou, assistindo um dos homens, tentando ver através das sombras formadas pelo boné que ele tinha puxado mais para baixo sobre a testa.

Ele parecia familiar. Algo no formato da mandíbula e o modo como ele se movia a fez pensar que já o havia visto em algum lugar antes.

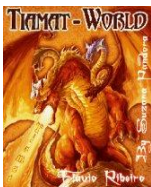
— Eu não vou arriscar. — Macey agitou a cabeça. — Quaisquer transmissões para fora da casa poderiam ser rastreadas neste momento. Tenho toda a Internet e banda larga fechada por enquanto. Reno sabe como enviar uma mensagem para mim, se for necessário. Agora mesmo nós vamos ficar apenas quietos.

Os monitores pararam com o replay e começaram a mostrar em tempo real a rua pacífica e sombreada com árvores e as crianças brincando no quintal da casa ao lado.

— Por que você vive aqui? — Ela olhou fixamente para ele em diversão. — Eu teria te imaginado com um homem com um apartamento, não a responsabilidade de uma casa tão grande.

— Emerson, Emerson. — Ele agitou a cabeça tristemente. — Eu sou um cara de família, eu te disse isto. A casa pertence aos meus pais, mais ou menos. Eles saíram para a fazenda com os meus avós há alguns anos e eu estou cuidando dela. Eu não sou do tipo de cara que gosta de apartamento. Muitas restrições.

— Muitos vizinhos curiosos?



— Você nunca viveu em um condomínio residencial, minha querida? — Ele bufou. — Tente festas, alguém batendo à porta à meia-noite para obter emprestado uma ferramenta ou apenas parar para conversar. Os homens mais velhos te dão conselhos e as mulheres idosas te advertem para não escutá-los. Confie em mim, um apartamento é muito mais privado.

Pelo tom de voz dele, ele não parecia se importar com os conselhos ou as visitas de meia-noite. Isso deveria tê-la surpreendido mais, ela percebeu; o fato de que isso não a preocupava.

— E quanto a você? — Ele girou a cadeira enquanto ela se movia para a cozinha e para o cheiro de café. — Por que um apartamento e não uma casa?

Ela deu de ombros. — Quarto demais para apenas uma pessoa. Eu queria algo menor. Muitos quartos abertos para se vagar apenas te deixam louco, faz a solidão ainda maior.

Ela não olhou de volta para ele, não podia. Macey veria coisas que ela sabia que deveria manter escondidas, tanto para sua paz de espírito quanto a paz de seu coração.

Um coração que estava rapidamente batendo fora de controle.

Ela não tinha deixado de perceber a maldade sexual ardendo nos olhos dele quando ele a olhou fixamente nos momentos anteriores. Ela podia sentir agora, o olhar vagando sobre as costas dela, seu traseiro, enquanto ela arrumava o café. Ela comeria mais tarde, no momento, ela precisava da mente clara para lidar com Macey.

— Você não parece retornar muito a Virgínia — ele comentou enquanto se debruçava de volta na cadeira e a assistia questionando com um sorriso. — O almirante não parecia muito bem com o fato de seus pais não te verem já por algum tempo.

Ela levou o café para a pequena mesa redonda e olhou para ele ressentida. Ela não queria discutir sobre a família, mas ela podia ver a determinação no rosto dele.

— Por que o almirante mencionaria a minha família?

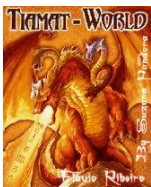
— Ele teve dificuldade em contatá-los quando você foi tomada pelos terroristas franceses.

— Eles têm uma vida. — Ela sorveu o café e tentou ignorar a dor.

— Eles também têm uma filha — ele disse firmemente. — Uma filha que, como você disse, raramente retorna para casa.

— Olha, Macey, nós não temos reencontros de família, às vezes nós jantamos se eu estou lá a negócios ou se eles estão aqui para ver o almirante sobre algo. Nós não somos grudados.

— Vocês não têm que ser grudados para ser uma família — ele assinalou. — Você não parece o tipo de mulher que se distanciaria assim da família. Você é próxima do almirante, mas não da sua mãe e do seu papai.



Mãe e pai, não mamãe e papai. Ela agitou a cabeça.

— Isto não é realmente da sua conta.

— Eu encontrei os seus pais— ele disse.

Emerson olhou para ele diretamente, mantendo o olhar frio. Ela não queria ouvir isto, mas tinha a sensação de que uma pessoa como Macey, que se importa com a família, teria que ver as ações dela sob uma visão menos do que cortês.

— Eles são totalmente frios. — Ele suspirou. — É duro imaginar que você tenha crescido com eles. Diga-me que eles pelo menos te amaram.

— Eles me amaram. — Do modo deles. Divertidos, irritados, frequentemente incertos do que fazer com ela, mas eles a amaram.

A expressão dele apertou, então pareceu clarear enquanto a curiosidade assumia o comando. — Qual foi a única coisa que você sempre quis quando criança e não conseguiu?

O rumo da conversa a deixou fora de equilíbrio, fazendo-a responder antes de pensar.

— Uma casa na árvore. — Lamento vislumbrava na voz porque ela não pôde parar. — Eu queria uma casa na árvore.

— Seus pais possuíam uma propriedade de vinte hectares e você não teve uma casa na árvore?

— Tudo tinha seu próprio lugar. — Exceto ela. Ela nunca havia compreendido onde seu lugar estava lá. — Uma casa da árvore não se ajustava ao esquema das coisas.

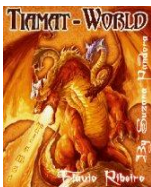
— Todo mundo precisa de uma casa na árvore— ele disse suavemente, erguendo-se da cadeira e indo para ela.

Antes que ela pudesse se mover ou evitá-lo, ele estava na cadeira dela, a mão correndo em seu cabelo, os lábios roubando um beijo rápido. — Não se preocupe Em, um dia destes, eu te darei uma casa na árvore.

Claro que ele iria. Ela agitou a cabeça e sorriu com o pensamento enquanto ele a soltava e se movia para pegar uma xícara de café. Ela conhecia e entendia promessas que podiam facilmente ser quebradas. Não apenas para crianças. Ela podia ter sobrevivido às promessas quebradas enquanto criança, se recuperado delas, ido em frente. Mas ela havia aprendido quando adulta também o quão facilmente até as promessas mais sinceras eram quebradas.

— Eu me conformarei com a sua habilidade de me devolver ao meu apartamento. Faça isso por mim, Macey, e terá a minha gratidão eterna.

— Isso e mais — ele declarou, voltando da cozinha para o computador. — Eu te prometo, Emerson, terei isso e mais.



Capítulo Cinco

Ele estava se apaixonando por ela. Três dias depois Macey estava sentado curvado sobre o teclado do computador e tentava fazer sentido de suas próprias emoções emaranhadas.

Ele sabia que se importava demais com ela, inferno, ele sabia disso nos dois últimos anos. Ele havia sonhado com ela, fantasiado sobre ela, e nos últimos dois anos não tinha conseguido achar uma única mulher que quisesse foder porque nenhum delas era Emerson.

O problema era, ele não queria apenas foder com ela. Ele queria dar a ela sua casa da árvore.

E agora ele se perguntou: quem ficaria com Drack? Isso era triste. Ele tinha Drack desde que era um menino. Inferno, ele amava aquele réptil com coração de gelo e teria rido da ideia de desistir dele porque uma mulher tinha medo dele. Mas em vez de rir, seu primeiro instinto foi o de achar uma casa para Drack, porque seu coração, sua alma, o advertiam de que uma jiboia não tinha nenhum lugar dentro de uma família.

Família.

Putz, o almirante colocaria uma bala entre os olhos dele se apenas suspeitasse o que Macey estava pensando, não é? Ou ele já suspeitava disto?

E Deus proibisse que Emerson suspeitasse disso. Mas o fato era que ela pertencia a ele.

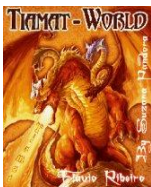
Não importava o que o almirante pensasse sobre isto, não importava o preço a ser pago. Mas ele de alguma maneira suspeitava que o almirante estivesse um passo a frente dele aqui.

Emerson se ajustava a ele, e ele com toda a certeza se certificaria de que ela entendesse que ele se ajustava a ela também, antes que isto estivesse terminado.

E por enquanto ele agradeceria a Deus pelo almirante não poder ter contato com ele.

O blecaute completo das comunicações não significava que nenhuma fosse mensagem transmitida do ou para o time, Almirante Holloran, amigos favoritos, família, ou associados da escuridão e variedades das sombras.

O blecaute significava liberdade do almirante. Ele não queria restringir suas próprias liberdades, não quando ele precisava de informações e sabia com toda a certeza que estava seguro. E as informações que ele estava atrás pertenciam ao caso, pelo menos era isso que ele dizia a si mesmo. Ele não tinha nenhuma intenção de deixar alguém perceber que ele estava checando Emerson. Especialmente ela.



Ele girou a cabeça em direção à porta do quarto novamente, sorriu presunçosamente, e pegou o arquivo do FBI⁶. Inferno, quem podia imaginar que a senhorita boazinha tinha um arquivo no FBI? Ora, ora, ora.

Fotos. Estatísticas. Hmm. Sem tamanho do sutiã, mas isso ele podia adivinhar.

Uma boa mão dele cheia. Ele olhou para a própria mão, curvou-a da forma correta, e sentiu a palma coçar com a lembrança da sensação da carne sedosa.

Uau. Estourando uma respiração dura, ele agitou a cabeça e voltou para a tela do computador enquanto mantinha uma orelha cuidadosa ligada na abertura da porta do quarto.

Certo, arquivo do FBI. Ela tinha até uma liberação de segurança de baixo nível. Ele arranhou a mandíbula, ergueu as sobrelhas enquanto rolava a tela e esquadrinhou as informações. Ela trabalhava para Disonis, ele sabia disto. Programação de nível alto, análise, projeto de computador e firma de integrações, era a favorita com a Agência.

Ele sabia que a formação dela era em comunicação, projeto e integração. Enquanto ele lia, franziu os lábios em surpresa. Ela era boa. Ela havia projetado vários programas integrados que a Agência estava usando atualmente. Nada comparado aos do computador dele, mas ele gostava de pensar que ele tinha um equipamento que a Agência não poderia tocar.

Ele voltou para os arquivos da Agência antes de ir para os de Disonis. Esse era um pouco mais difícil. O sistema da Agência era bem conhecido para ele, as portas dos fundos tão familiares a ele quanto suas próprias. Disonis estava um pouco mais complicado.

Ele estava trabalhando na primeira passagem quando ouviu a porta. Maldição. Ele voltou cuidadosamente, os dedos movendo depressa sobre o teclado enquanto ele saía do sistema, não que ele tivesse conseguido entrar longe, e limpou o programa enquanto ela andava na área de estar.

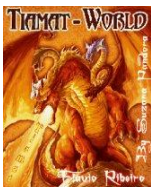
— Há pimenta-malagueta no fogão. — Ele girou, balançando a cabeça para o fogão, e reativou o jogo de guerra virtual que tinha deixado pronto.

Ela deu uma olhada rápida para o monitor e então se moveu para o fogão. — Que horas são?

— Quase oito da noite. Você dormiu muito tempo, Em. Está se sentindo descansada? — Ele moveu seu jogador ao redor de uma árvore, pegou um lançador de foguete, e mandou um tanque para o inferno. Mil pontos e nenhum som atrás dele.

Ele virou a cabeça ao redor para dar uma olhada rápida, e congelou.

⁶FBI (Federal Bureau of Investigation) – Agência Federal de Investigações, espécie de Polícia Federal dos Estados Unidos, uma agência governamental que possui o papel de amparar a lei através da investigação de violações da lei penal federal. Não é um departamento de polícia nacional, mas sim, uma jurisdição diferente para certos tipos de crimes, administrada pelo Procurador Geral da Justiça dos Estados Unidos.



Ele piscou, com os olhos no nível dos seios com os quais ele tinha sonhado, cobertos com nada além de uma das camisetas dele. Ela não tinha estado perto dele nas ultimas quarenta e oito horas. Ela manteve distância, manteve um olhar cauteloso nele, e ignorou a maior parte de suas perguntas e tentativas de conversação. Ela tinha ficado se escondendo, apenas dentro de si mesma, e ele sabia disto. Por enquanto, ele a permitia se esconder. A coisa agradável sobre sua caverna era o fato de que mais cedo ou mais tarde ela teria que reconhecê-lo, ele e a tensão sexual, sem mencionar a tensão sentimental erguendo entre eles.

Por dois anos ele tinha esperado, e ela sabia disto. Dois anos são muito tempo.

— Você está perdendo o jogo.

Ele ergueu o olhar para o rosto dela, os olhos dele encontrando com os olhos estreitados dela.

— Meus seios não são parte do seu jogo, Macey. Você acabou de perder.

Uma explosão virtual distante soou atrás dele à medida que ela se movia. Macey suspirou desanimado e se voltou para o computador. Oh, bem, o jogo estava lá apenas para esconder suas atividades, não era realmente para ganhar. Ele já tinha batido esse otário meses atrás de qualquer maneira.

Ele girou ao redor em sua cadeira para assistir enquanto ela se movia através do quarto para a quitinete. Ela estava usando uma de suas camisetas e uma calça de dormir de sua irmã e meias. Maldição, ela parecia muito jovem para estar aqui, muito jovem para os pensamentos no cérebro dele.

Ele assistiu o traseiro dela enquanto ela se esticava sobre um gabinete e retirava uma tigela. Os dentes dele cerraram em esforço para manter controle enquanto as nádegas dela juntavam e ondulavam quando ela recuou para o fogão e encheu a tigela com pimenta-malagueta.

Quando ela girou, o olhar dele estava erguido ingenuamente para o rosto dela enquanto ele lutava com cada instinto masculino para descer os olhos para aqueles seios lindos novamente.

Ela podia tê-lo, uma voz a lembrava. Quantas vezes nos últimos dois anos ele a havia deixado saber que ela facilmente poderia tê-lo?

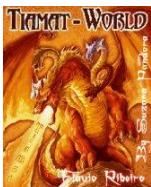
— Então quando eu poderei sair daqui e voltar para a minha vida? Alguma notícia?

— Por que a pressa? Você tem alguém além do almirante te esperando do lado de fora?

Ela não gostou do tom da voz dele, não gostou da proximidade, ou do convite mudo de derramar sua raiva nele. Ela não tinha segredos, não tinha nenhuma razão para se lamentar.

— Eu tenho uma vida cheia. — Ela encolheu os ombros facilmente.

— E uma cama vazia. — A voz dele abaixou, o tom negro e aveludado acariciando os sentidos dela enquanto ele se movia na direção dela.



— Minha cama não é da sua conta, Macey. Quando eu quiser um homem lá, não terei nenhum problema em enchê-la. — E quantas vezes ela tinha feito isto? Muito poucas. E eles tinham ido embora muito depressa.

— Por que você é tão defensiva comigo, Em? — Ele perguntou então, o tom muito suave, muito sabedor, muito sensual. — Você retruca e me morde como se eu estivesse fazendo algo para te machucar. Se eu tiver, estou mais do que disposto a dar um beijo de paz e consertar isto.

Ele a estava provocando. A brincadeira vinha com a sexualidade masculina que ela achava tão dura de resistir.

E ela tinha que resistir. Caso contrário, não haveria nenhum modo que ela pudesse esconder os sentimentos que sentia por ele. Que iam além da energia sexual enquanto eles estavam confinados juntos.

— Se eu sou tão difícil de ter por perto, por que você aceitou este trabalho? — Ela perguntou.

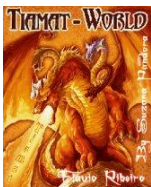
— Por que eu aceitei esta tarefa? — Ele se debruçou para perto, os lábios curvando em um sorriso, os olhos escuros cintilando com intento sexual. — Eu tomei este trabalho para finalmente entrar nas suas calças, Em. Para te ter debaixo de mim, ao meu redor, e eu conseguir ir tão fundo em você que a última coisa que você pensará é em se afastar. É por isso que eu deixo o seu padrinho me manobrar como o bom pequeno SEAL que sou. Agora, responda a minha pergunta. Por que, Emerson Delaney, você tenta me afastar o tempo todo em que eu consigo ficar perto de você o suficiente para você fazer isto?

— Eu não sei, Macey — ela grunhiu. — Talvez eu não queira me juntar ao clube das Rejeitadas do Macey. Desculpe, Tenente, mas ser uma parte da multidão nunca me atraiu, e ser uma parte da sua multidão atrai menos ainda. Então por que você não para de tentar me seduzir, e volta ao seu jeito eficiente com as mãos de espiar no computador e acha uma saída para mim disso? Caso contrário, nós vamos concluir este pequeno fiasco como inimigos, ao invés da frágil amizade que eu pensei que nós conseguiríamos manter.

As sobrancelhas dele ergueram, diversão enchendo a expressão.

— Você deixa todos os seus amigos chuparem os seus pequenos mamilos duros no escritório do seu padrinho, Em? Se você faz, acho que vou precisar te bater.

Chamas correram pelo corpo dela. Os alarmes de advertência estavam tinindo por sua cabeça. Mas quando a cabeça dele abaixou, a mão correndo no cabelo dela para mantê-la quieta, e sentindo os lábios dele nos dela novamente, ela estava perdida. Perdida no toque de um homem que ela sabia que nunca poderia segurar, e pouco disposta a se libertar, porque nunca nada em sua vida tinha sentido tão bom quanto o beijo de Macey. O toque de Macey. Pertencer a Macey, mesmo que por apenas este momento.



Capítulo Seis

Ele não iria parar dessa vez. Macey aconchegou as costas no sofá, mantendo os lábios nos de Emerson, saboreando a paixão selvagem e a doçura afiada de seu beijo, a língua, deixando-se ficar preso no prazer dela e o próprio.

Isto era a armadilha, e ele sabia disso. Um prazer diferentemente de qualquer outro que ele havia conhecido na vida. Pela primeira vez, ele podia sentir o prazer de sua amante assim como o dele também, e ele estava preso dentro dele. Ele não estava tocando, acariciando, dando prazer na esperança de ter aquele prazer retornado. Inferno, não. Ouvir o prazer dela, sentindo-a tremer com ele, o som ecoando no gemido agitado dela, isso era prazer.

Ele acariciou a língua sobre os lábios de Emerson, sentiu-os tremerem enquanto ele tomava outro pequeno beijo viciante. Ele deixou as mãos moverem-se sobre os ombros dela enquanto ele tentava se saciar com a doçura dos lábios dela e sua pequena língua inquisitiva.

Mas não havia como ele ser saciado. Ele sabia disto desde o primeiro beijo.

— Venha aqui, Em. — Ele a abaixou no sofá enquanto os olhos castanhos esverdeados aveludados abriam e ela olhava fixamente de volta para ele com prazer.

— Macey. — Ela lambeu os lábios, e ele fez o mesmo.

Ele deixou a língua correr sobre os lábios de novo antes de tomar outro gosto duro e rápido dela.

— Não pense, bebê — ele sussurrou. — Deixe-me te tocar. Ter você. Você não sabe que eu imploraria por apenas mais um gostinho?

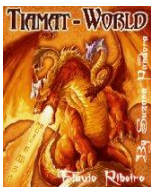
— Macey. — Ela piscou sonolenta e sensualmente, as mãos tremulando nos ombros dele. Ele assistiu a fome superar a hesitação nos olhos. — Por quê?

— Porque eu não posso mais lutar contra isto.

— Mas você partirá meu coração. — Ele ouviu a respiração dela engatar enquanto os lábios dele se distraíam com a linha longa e esbelta de seu pescoço. — Você sabe que vai partir o meu coração.

Ele empurrou a cabeça, os olhos estreitando para ela. — Eu cuido do que é meu, Emerson. Cada parte. E você gostando disso ou não, amor, você é minha.

Os braços dele curvaram ao redor do pescoço dela, e ele começou a marcar seu território. A necessidade primitiva de possuí-la tomava suas bolas agora, e ele tinha a sensação de que não iria se libertar tão cedo.



Enquanto a mão ia por debaixo da camisa dela na carne nua de sua barriga, um gemido deslizou dos lábios de Emerson passando pelo beijo que ele estava roubando de sua alma. Calosas e mornas, as pontas dos dedos acariciavam a carne e faziam as terminações nervosas dela uivarem com prazer.

Eles se moveram juntos, os quadris arqueando, fazendo pressão um contra o outro, o comprimento espesso do membro dele apertando contra o núcleo saturado dela enquanto as mãos curvavam ao redor das costas, as unhas apertando no tecido de sua camisa.

Não era o suficiente, ela precisava tocar na carne dele, precisava senti-la contra ela. Ela arrancou a roupa, arrastando-a pelos ombros dele, revelando a pele e os músculos duros de suas costas. O prazer chicoteando pelas palmas dela enquanto ela acariciava a carne dele e a sentia ficar mais tensa e apertada contra ela.

— Tire a roupa — ele rosnou, rasgando os lábios dos dela, erguendo apenas o suficiente para tirar a camisa do corpo, então a camisa dela seguiu. Os pelos quase pretos do tórax desciam junto ao abdômen duro e iam até a faixa da calça jeans.

As mãos dela foram para o cinto encilhando sua cintura, deixando-o livre enquanto as mãos dela trabalhavam no metal do zíper e o descia.

Ela arrastou o tecido, descendo-o pelos quadris com uma mão enquanto abria a parte da frente, puxou o calção apertado com o comprimento espesso de carne e sentiu a boca ficar seca.

O membro dele estava tão duro e a pele tão esticada que parecia ser doloroso. Veias pesadas pulsavam em demanda faminta e a crista larga, escura, pulsava como a batida do coração, com uma sedosa conta de pré-sêmen cor de pérola brilhando na racha estreita.

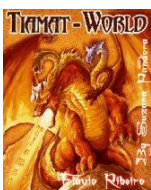
— Oh, Deus, Macey — ela sussurrou, desespero marcando a voz enquanto ela segurava a carne pesada, acariciava, a buceta cerrando com o pensamento de acomodá-la.

Ela ergueu os olhos pelo abdômen apertado dele, subindo para o tórax, encontrando seus olhos escuros. Ele a assistia também, a expressão apertada, afiada com luxúria faminta enquanto ela acariciava o comprimento de sua ereção.

— Eu quero te saborear — ela sussurrou. — Você todo.

— Pelo amor de Deus, depressa — ele gemeu. — Se eu não te tocar, te saborear mais, pode me matar.

Ela queria sorrir com isso. Algum homem já tinha ficado assim tão desesperado para tocá-la? Ela sabia que não.



Ela se sentou no sofá, as pernas entre as coxas abertas dele. Ela abaixou a cabeça, os dedos de ambas as mãos enrolando em torno da seta pesada enquanto ela lambia a pequena conta cremosa e líquida da cabeça do membro.

O gemido selvagem que rasgou da garganta dele chocou-a, excitou. Mãos deslizaram pelo cabelo dela grosseiramente, juntando e cerrando em suas mechas.

Calor ígneo estourou pelo couro cabeludo dela. A boca abriu, cobriu a cabeça inchada, e a chupou. Ela sentiu a glória com a maldição estrangulada que saiu dos lábios dele. A língua dela bateu na carne apertada, enrolando ao redor dele e esfregando no lado inferior, naquela pequena área sensível logo embaixo da cabeça.

— Emerson, querida. — A voz dele era áspera, espessa e pesada com prazer. Ele estava perto do limite. Ela podia dizer pelo comprimento apertado de seu membro, o pulsar do sangue sob a carne. Os dedos de uma mão fecharam nas bolas, sentindo a ondulação da bolsa tensa embaixo do toque dela.

Ela o chupou firmemente, achando mais prazer no ato do que jamais tinha sentido antes. Ele tinha gosto de macho, limpo e forte, vibrante e excitado. O gosto podia se tornar um vício.

Enquanto ela o chupava, o olhar ergueu para o dele novamente. Um gemido ficou preso no tórax enquanto os olhos dele se encontravam com os dela. Os lábios então curvaram sensualmente, os dentes fortes e brancos apertando.

— Tão linda — ele gemeu roucamente. — Continue olhando para mim, Em. Deus, os seus olhos são lindos. Seu rosto. Tão lindo. Sua boca tão quente, tão doce.

A boca estava cheia com a carne dele, o gosto dele, o calor dele.

— Você sabe o que faz comigo ao me olhar assim? Chupando o meu pau e olhando para mim como se estivesse morrendo de fome de sentir o meu gosto?

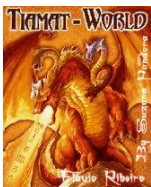
Ela sentiu o rubor no rosto, assistindo a satisfação que enchia os olhos dele.

— Um rubor tão bonito. Uma pequena boca tão malvada.

Ele estava fodendo a boca com golpes lentos, fáceis. Ele não estava tentando se afundar ou enfiar na garganta dela abaixo. Ele não estava com pressa de se liberar. Ele a estava deixando apreciar, deixando-a saboreá-lo, acariciá-lo.

Prazer. Estava nos olhos dela. Ela estava afogando em seu próprio prazer agora mesmo, achando alegria em tocá-lo, mesmo sabendo que ela talvez não conhecesse a mesma consideração.

Amar o coração dela, iria comê-lo vivo. Ele a faria gritar no orgasmo, teria ela implorando para ser fodida, ser tomada, possuída, antes que a noite estivesse terminada. Ele teria essa expressão nos olhos dela de uma vez por todas.



Ele assistiu a cabeça do membro desaparecer dentro da boca uma vez mais, e mordeu de volta uma maldição enquanto a boca o cercava, a língua acariciando, e ela o chupou com fome aquecida. O gemido era outra carícia, escura, ondulando sobre a carne sensível e fazendo suas bolas mais apertadas com a necessidade de gozar.

Isso não estava acontecendo. Não ainda. Não mesmo. Primeiro, ele devoraria o pequeno corpo tão doce e sensual dela com aqueles peitos luxuriantes, deliciosos. Oh, sim, ele iria se fartar com o gosto dos seios dela e seus doces mamilos vermelhos cor de cereja.

—Chega, bebê. — Ele se moveu para recuar.

Pânico chamejou nos olhos dela, os dedos apertaram a base do pau dele e ele fez uma careta com a dor e o prazer do gesto.

—Venha aqui, Em. — Ele esticou o braço, soltou as mãos dela e apertou as costas dela no sofá. — Tudo bem, amor. Eu apenas quero te tocar. Você não sabe o quanto eu preciso fazer isto? Apenas alguns minutos, isto é tudo. — Apenas pelo resto da droga da vida dele. Deus, a expressão nos olhos dela o estava matando. Esperança misturada com medo. Não o medo da dor física, mas o medo da perda. Ele mesmo conhecia esse medo, sabia como doía acordar e perceber que o amor tinha sido apenas uma fantasia. Há muito tempo atrás quando ele era jovem e tinha pensado que era esperto e sabe-tudo.

Ele sabia melhor agora. Sabia o risco que estava tomando, as recompensas e as possíveis consequências, da mesma maneira que sabia que se arrependeria para sempre se a deixasse escapar dos braços se ele não tentasse achar o coração dela.

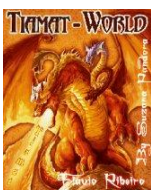
—Você sabe o quão linda é, Em? — Ele se debruçou adiante, os lábios como plumas sobre os dela enquanto ele erguia a mão para os globos firmes e arredondados com os quais tinha sonhado.

E ele estava perdido. Simplesmente perdido. Oh, inferno, sim. Claramente mais do que uma mão cheia com duas cerejas vermelhas por cima, pequenos mamilos duros e cobertos com sardas.

—Maldição, Em. Você tem o paraíso aqui mesmo. — Ele envolveu os montículos generosos, os dedos polegares sacudindo pelos mamilos apertados. Quando um gemido involuntário deixou os lábios dele, ele jurou que o som foi diretamente para seu membro, envolvendo-o e o acariciando.

Capítulo Sete

Emerson assistiu ofuscada enquanto a cabeça de Macey abaixava, a língua saindo para enrolar ao redor de seu mamilo duro. Ela jurou que quase teve um orgasmo no momento em que ele a tocou.



Os quadris dela empurraram contra os dele, roçando o membro duro contra seu núcleo enquanto uma das mãos dele pegava os pulsos dela e os prendia sobre a cabeça.

— Calma, bebê — ele gemeu enquanto ela se contorcia embaixo dele. — Deixe-me ter você, Emerson. Apenas assim.

Os gemidos deles entrosaram enquanto ele a sugava, devorava. Os dentes correram, a língua chicoteando, e aquecia, a sensação ígnea envolvia o clitóris dela.

O broto minúsculo se tornou mais inchado, mais sensível, pulsando e ameaçando explodir num orgasmo.

— Macey, eu não posso aguentar... — Um grito desesperado deixou a garganta dela enquanto a sucção mudava, ficava mais lenta, mais firme, a língua sobre o mamilo com agrado em vez de desespero.

Ela precisava se conter, mas ele não daria a ela essa chance.

E era mais destrutivo. Tão destrutivo que ela mal estava ciente da mão livre dele empurrando a calça jeans, removendo-a, então puxando as calças dela de seus quadris e empurrando-as abaixo pelas coxas antes de ela chutá-las das pernas. Ela não se importava. Ela sabia o que estava vindo, sabia e desejava.

— Você me deixa louco — ele gemeu, soltando os pulsos dela e envolvendo os peitos, beijando cada mamilo e chupando-o até que as sensações estavam rasgando o corpo dela, o calor construindo no útero e ameaçando explodir.

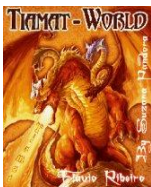
— Oh, Deus. Macey. Mais. Mais. — Ela forçou os olhos a abrirem, olhando quase dentro dos olhos escurecidos dele. O membro apertado contra as dobras da carne entre suas coxas e pulsando contra seu clitóris.

— Não ainda — ele gemeu. — Não ainda, bebê. Deixe-me te sentir. Vamos ver o quão boa essa sensação pode ser.

— Eu não posso aguentar mais — ela protestou fraca. Ela podia sentir sua umidade cobrindo a ereção dele enquanto ela tentava se mover contra ele, forçá-lo a terminar isto antes que ele acorrentasse o corpo dela ao dele para sempre.

— Deus, você tem gosto bom — ele murmurou, os lábios deixando os seios dela, acariciando sua barriga abaixo, a divisão das coxas. Ela assistiu enquanto ele abaixava a cabeça para a umidade entre as coxas. — O seu gosto mais doce é aqui?

Ele não deu a ela tempo para protestar. Confiante, faminto, os lábios abaixaram para o clitóris, a língua o acariciou, e seu gemido, quando vibrou contra a carne, fez os sentidos dela espiralarem.



As coxas dela abriram mais, os quadris ergueram para ele, e Emerson soube que nada já tinha sido assim tão bom. Ele sabia o que fazer com o corpo de uma mulher. Sabia onde lambar, onde acariciar, como sacudir a língua contra a abertura estreita. Como fazê-la gritar e implorar para ele a tomar.

Ela viu um flash de sorriso através do rosto dele, sensual, certo, antes dos lábios cobrirem o clitóris e o chupar lenta e tortuosamente, trazendo-o para a boca enquanto a língua chamejava ao redor dele. Nunca no lugar certo por tempo o suficiente, apenas provocando, atormentando, para fazê-la se contorcer e implorar mas nunca o suficiente para levá-la além do limite.

— Macey, é demais — ela clamou, os dedos enroscando no cabelo dele, segurando-o na carne dela em vez de puxá-lo para longe como ela deveria ter feito. — Eu não posso aguentar.

— Não é o suficiente — ele rosnou antes de lambar. — Tão doce e quente, Emerson. Eu preciso mais de você.

— Por favor — ela arquejou. — Eu preciso de você agora. Eu não posso esperar.

— Apenas mais alguns minutos, bebê — ele sussurrou antes de lambê-la mais embaixo.

As mãos fecharam em volta do traseiro, o ergueu, e um gemido baixo, roto, encheu o ar enquanto ele enterrava a língua na buceta.

Emerson se sentiu livre. Tudo o que ela mantinha seguro dentro de si se soltou e fluiu em direção a ele. Ela tinha conseguido manter o coração abrigado dos confrontos deles que eram mais o resultado de uma tensão sexual do que uma inimizade real. Mas isto, ela não podia se manter distante, de um prazer que acabava com cada proteção que ela tinha colocado ao redor de suas emoções.

Enquanto a língua dava punhaladas dentro dela, o gemido dele vibrava contra o tecido escondido, ela sentiu a explosão que se construía dentro dela se apertar mais.

Ela não podia lutar. Ela arqueou para ele, implorando, pedindo, puxando o cabelo dele até que ele soltou as mãos dela e foi até os seios dela.

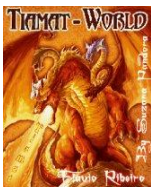
— Toque-os para mim — ele sussurrou enquanto se erguia entre as coxas dela e colocava os dedos dela ao redor dos seios. — Dê prazer a eles para mim, Emerson. Deixe-me te assistir enquanto eu te tomo.

Ela envolveu a carne pesada, os dedos acariciando os próprios mamilos enquanto Macey depressa rasgava a embalagem do preservativo que tinha pegado na calça jeans.

Com firmeza, as mãos dele agarraram os quadris dela, puxando-a para mais perto enquanto ele cutucava a cabeça larga do membro contra a entrada lisa da buceta dela.

— Não pare, bebê, deixe-me te assistir tocar os seus lindos seios enquanto eu te tomo.

A crista dura entrou nela, estirando-a, enviando prazer em chamas com a penetração leve.



— Ah, essa é uma boa garota — ele sussurrou, a voz pesada, a respiração trabalhosa como a dela. — Tão linda, Em. Tão incrivelmente linda.

Tão erótico. Emerson olhava para ele, brincando com os mamilos com os dedos, sentindo as sensações alternadas se construindo dentro dela queimando por suas terminações nervosas.

Era sensual, era malvado, tentando-o mesmo enquanto ele trabalhava o comprimento espesso da ereção dentro dela.

— Macey. É tão bom. — Fechando os olhos, os dedos apertaram os mamilos. Era muito bom, muito intenso, prazer demais.

— Tão doce. — A voz era áspera enquanto ele ia mais fundo. — Tão doce e apertada. Inferno, Em. Você está me matando.

Ele foi até o cabo. A cabeça de sua ereção pulsava dentro dela, aquecida e pesada, ferro duro, o calor queimava embaixo da carne dela agora. Ela sentiu o aperto do útero e a ondulação. O clitóris apertava solidamente contra a pélvis dele, pulsando na beira da liberação.

— Macey. — Trêmula, ela lutava pelo orgasmo quase ao alcance.

— Você me faz perder o controle — ele respirou roucamente. — Deus, Em, eu quero que isso seja bom para você. Tão bom.

O choque a quebrou. Alguém já havia se importado se era bom para ela? Se ela precisava gozar ou se ela precisava do mesmo prazer que eles tinham?

— É bom. Tão bom. — Era a melhor coisa que ela já havia conhecido.

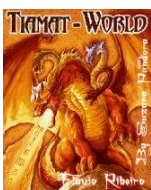
Os olhos dele se estreitaram para ela então. — Oh, bebê, vai ficar muito melhor.

Ela não achava que poderia ficar melhor até que ele começou a se mover. Ela esperava que ele a tomasse duro e rápido, para apressar o fim e sua própria liberação. Mas Macey era um demônio sensual. Ela deveria ter imaginado que ele gostaria de tocá-la, gostava de trazer o prazer. Ele tinha um jeito demorado, um modo paciente de se mover, e a sensualidade sonolenta no olhar dele deveria tê-la advertido.

— Erga os seios para mim, Emerson — ele rosnou. — Erga esses lindos mamilos para mim.

Ela envolveu os seios e ofereceu os pontos sensíveis e duros para ele, então gritou de prazer enquanto os lábios dele cercavam o cume apertado.

Não era apenas uma sucção dura e aquecida da boca, havia as punhaladas do membro e a lima da pélvis contra o clitóris. Combinados a empurravam mais alto, mas a seguravam apenas o suficiente para mantê-la na terra ao invés de voar para sua liberação.



— Não ainda — ele grunhiu, movendo-se de um mamilo até o outro. — Não ainda, bebê. É tão bom. Muito bom para mim.

— É demais. — Ela gemeu, tentando passar da barreira final.

— Não é o suficiente. Não ainda.

Ela soltou os seios para agarrar os ombros dele. As sensações eram demais, muito violentas, prazer demais. Mas elas não o pararam. Ele segurou os seios, a boca voraz primeiro em um e então no outro enquanto ele começava a golpear o membro dentro dela em um ritmo lento, controlado.

Cada estocada, cada sucção da boca roubou outro pedaço da mente dela até que ela era nada além de uma criatura do prazer dele. O prazer dele, o prazer dela. Chicoteava por ela, atravessava barreiras que ela não sabia que tinha erguido contra ele e a fazia lutar pela liberação, lutar para que ele se liberasse.

A risada rouca dele empurrou-a mais alto. O estrondo dos quadris dele enquanto ela se contorcia contra ele, então as mãos duras prenderam nos quadris, os lábios envolvendo famintamente o mamilo e as estocadas aumentando.

Isso era o que ela precisava. Ela se ergueu para ele, o olhar nublado. Êxtase corria por suas veias, construindo e queimando até que ela estava gritando o nome dele, gritando e explodindo embaixo dele em um cataclismo de prazer que rasgou por seu corpo.

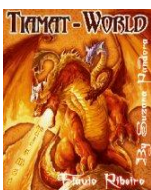
Ela ouviu o grito masculino quebrado, sentiu ele ficar tenso e tremer nos braços dela que apertavam ao redor dos ombros dele e o prazer queimando por ela. Como lava. Como um tiro de eletricidade quente e branco diretamente até a alma dela.

Capítulo Oito

Ela estava apaixonada por ele. Ela podia ter negado antes do sexo devastador, mas horas mais tarde, enrolada contra ele em sua cama, exausta, ela não podia mais ignorar isto.

Deixá-lo ir seria difícil. Assisti-lo ir embora, com aquele sorriso descuidado no rosto, partiria seu coração.

— Isto deve terminar a tempo do reencontro das famílias March-Illison-Beckinmore. — A diversão marcava sua voz. — A maior droga de reunião no estado da Geórgia. Nós vamos para a fazenda ao sul do vovô todos os anos. E todos os anos a maioria dos homens vai embora com contusões de uma briga ou duas, e as mulheres vão embora irritadas e resmungando porque eles lutaram novamente. E todo mundo concorda que é o melhor ano que já tivemos.



A cabeça dela estava apoiada contra o tórax dele à medida que ele falava, mas um franzir marcava sua sobrancelha enquanto ele falava.

— Soa como uma família grande. — Ela não tinha nenhuma ideia que como era uma família grande. Não havia nenhum reencontro de família na família dela, não havia reuniões além dos jantares ocasionais com os pais e o padrinho dela.

— Uma das grandes. Com mais de trezentas pessoas no ano passado. — A mão dele alisou o cabelo dela. — Há barracas e aglomerados de vários tamanhos no lugar por uma semana inteira, e a casa principal da fazenda fica cheia com sacos de dormir e durante a noite há colchões. A vovó March todo ano jura que vai cancelar a próxima, mas chegando junho, ela faz os telefonemas e organiza tudo. A mulher tem setenta e corre por aí como uma mulher com a metade da idade. Ela me espanta.

— Soa como um pesadelo organizacional. — Ela podia respeitar a habilidade de alguém de conseguir fazer isto, mas sabia que tinha que ser difícil. Ela não tinha nenhuma ideia de por que Macey estava dizendo isso a ela.

— Cada manhã por uma semana nos reunimos para café da manhã ao amanhecer, cozinhamos sobre a grelha do churrasco, grelha a gás e churrasco de fogo no chão pelo lugar. Ovos mexidos, biscoitos, molho, salsicha e bacon são aquecidos em mesas de piquenique e todo mundo come como se estivessem passando fome. Para o almoço, as mesas são cheias com sanduíches e carne de porco, e para o jantar, bom Deus, bagre fresco, bifes, hambúrgueres e cachorros-quentes. É como um acampamento de loucos. — Mas ela podia ouvir o amor na voz dele.

Ela não conseguia imaginar Macey com uma família desse tamanho. Ela não podia imaginar ninguém com uma família desse tamanho.

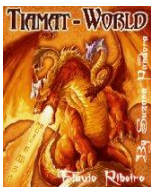
— Como você mantém todo mundo na linha? — Ela perguntou confusa. — Mais de trezentas pessoas? Soa mais como uma convenção do que qualquer tipo de reencontro.

— Se parece com uma convenção às vezes — ele riu. Durante o tempo todo, as mãos dele acariciavam o cabelo dela, os braços, as costas. Elas nunca ficavam quietas, sempre se movendo nela.

Era normal para ele, ela se perguntou, querer abraçar depois do sexo? Ele deveria ser o único cara a fazer isso, porque era a primeira vez que ela experimentava.

Indecisamente, ela deixou a mão deitada no tórax dele se mover, acariciar os pelos sedosos que cresciam lá e apreciar a sensação deles contra a palma.

Ela nunca tinha imaginado o quanto adoraria esse corpo duro, firme. A tatuagem de arame farpado ao redor do bíceps esquerdo dele, a cicatriz na coxa, os músculos firmes e esbeltos. Apenas deitar contra



ele a excitava e a fazia querer ignorar as pequenas dores e ardores no corpo e sentir novamente o gosto dele.

Não era apenas o corpo dele que ela amava, e era isso que a assustava.

— Você podia ir comigo, sabe.

Os pensamentos dela pararam de repente e a cabeça ergueu. A mão pausou no meio do abdômen duro que ela estava acariciando, ficando sempre mais perto da ereção que se estirava entre as coxas dele.

— Como disse?

— Eu disse que você poderia ir ao reencontro da família comigo. — Os olhos estreitaram para ela. —

Você vai se divertir.

— Eu não sou parte da família.

— Você é minha. Isso te torna família.

Emerson sentiu tudo dentro dela parar enquanto o tempo parecia empreender uma qualidade pesada, lenta. Ela olhou fixamente nos olhos dele, vendo a determinação, a possessividade e resolução total nos olhos dele.

— Você sabe que não é assim, Macey. — Ela teve que se forçar para respirar, empurrar de volta a necessidade de acreditar.

— Não é, Em?

— Não. — Ela se soltou dele, envolvendo o corpo com o lençol e se moveu para a entrada. — Não prometa o que não pode manter. Não agora. Eu não sou uma adolescente que precisa de uma proposta e declarações de amor para desculpar um pouco sexo. Você é livre. Eu não chorarei no ombro do almirante ou te acusarei de se aproveitar de mim. Então nos faça um favor e não faça parecer mais do que realmente é.

Ela precisava de suas roupas, rápido. Ela precisava tomar banho, lavar o odor dele do corpo e se vestir.

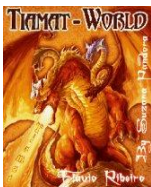
— Você realmente pensa que eu vou embora de você, Em? Por qual razão?

Havia compreensão quieta. Estava na voz dele, nos olhos enquanto ele se levantava e andava para ela.

— Você acha que uma noite é tudo o que eu quero?

— O que mais eu deveria pensar? — O coração dela estava correndo no peito, a boca seca com sensação de pânico agora. — Você não é exatamente conhecido por seu estilo de vida monógamo, Macey.

— E ainda assim você foi para a cama comigo? — Ele balançou a cabeça, o olhar gentil enquanto as mãos alisavam os ombros nus dela. — Por que você fez isto, Emerson?



— Eu queria você.

— Você apenas vai para a cama com todo homem que quer, Em?

Não. Ela olhava fixamente para ele, hipnotizada pela suavidade subjacente, o aço no olhar. Ele era um SEAL, ela sabia o que isso queria dizer. Cheio com propósito. Determinado. Escorregadio. Ele sabia como conseguir o que queria e ele não pararia até conseguir.

Emerson lambeu os lábios com trepidação. Ela podia sentir uma armadilha, ela apenas não sabia onde a armadilha estava.

— Eu não fico dormindo por aí. — Ela tentou ir para longe dele e pôr distância entre eles.

Macey não deixava. As mãos a seguravam perto dele, o calor do corpo a envolvendo, fazendo ficar mais difícil de pensar, mais difícil de resistir.

— Então por que uma noite comigo? O que me faz tão especial?

Capítulo Nove

Macey sentiu o coração derreter, ali mesmo na sala de estar subterrânea. O olhar preso no de Emerson, vendo as emoções contraditórias nos olhos sombreando o resto de suas feições. Pânico, medo, desejo e fome. Fome, não apenas sexual, mas ela estava lá também, mas uma ânsia maior. Uma fome de ver aonde as emoções construindo entre eles iriam.

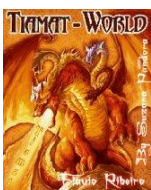
Ele sabia aonde iriam. Ele sabia que dentro de um ano ele colocaria um anel no dedo dela e a alma dela se juntaria a dele.

Mas ele jurou que poderia bater nela por ela ser tão teimosa, tão desavisada de seu próprio coração feroz, e tão assustada com as próprias emoções. — Você não está me respondendo, Em — ele assinalou, certificando-se de que mantinha as mãos nela. — Se você não gosta de apenas uma noite de diversão, o que me faz tão especial?

— Você não entende. Não é assim.

— Então como é, amor? — Ele abaixou a cabeça, tocando os lábios dela, mantendo os olhos nos dela. — Eu te amo, Emerson. Você realmente espera que eu vá embora, agora que achei a mulher pela qual procurei por toda a minha vida adulta?

Ele a amava? Como ele poderia amá-la? Ela era estúpida, propensa a ter acidentes, e não sabia como amar. Ela estragaria tudo. Apenas estando com ela, ela o exasperaria, frustraria, até que ele não a amasse mais.



— Você está errado. — O coração dela estava correndo no tórax, fazendo ficar difícil de respirar. — É apenas sexo. É sempre apenas sexo com você. Todo mundo diz que é. Todas as suas amantes — Ela se calou, a mão dele apertando sobre sua boca enquanto um sorriso mau florescia através dos lábios.

— Você se deu ao trabalho de checar com as minhas antigas amantes? Estou impressionado, Emerson. Realmente estou. Diga-me, o quão próxima você ficou de arrancar os olhos delas?

Tão próximo que a havia apavorado a cada vez. Mas ela não iria admitir isto.

— Você é louco. — Eu odiaria me chocar com alguma das suas amantes passadas. — Ele estava marchando para ela agora, trazendo-a para mais perto.

— Eu conheço cada um deles, onde vivem, onde trabalham e o que poderia destruí-los. Se eu tivesse que encontrar um deles, eu quebraria ossos.

Os olhos dela alargaram. Ele não podia estar falando sério. Tinha que ser um jogo.

— Macey. — Ela estendeu uma mão enquanto ele chegava mais perto e ela piscou de volta as lágrimas.

— Não faça isso. Por favor. Eu não posso lidar com isto.

— Você não tem escolha, Em. Você tem que enfrentar, tem que lidar com isto. Porque você vai ter que me olhar nos olhos e me dizer que não sente nada por mim para parar essa situação. Você pode fazer isto? Você pode me dizer que tudo o que queria era apenas uma noite?

Os lábios dela separaram, a necessidade de dizer exatamente isto, pegar a fuga que ele estava oferecendo. Mas ela estava olhando nos olhos dele, e viu a dor, e a esperança.

— Por que você está fazendo isso comigo? — As mãos dela apertaram no lençol para não perder o controle.

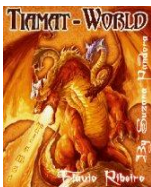
Anos de controle, a determinação de nunca chorar ou pedir por amor novamente.

Os pais dela sempre deram a ela aquele olhar compassivo e vago sempre que ela chorava, sempre que ela pedia abraços quando criança. Como se eles não estivessem bastante certos do que fazer com ela.

— Porque eu não vou te ver ir embora de mim. — Ele se moveu muito depressa para ela evitar, puxando-a para seus braços antes que ela pudesse retroceder mais.

— Ponha seus braços ao meu redor, Em. — Ele abaixou os lábios para a orelha dela enquanto a segurava contra o tórax. — Me abrace. Deixe-me te abraçar. Sabia que quando você está nos meus braços, eu finalmente me sinto como se pertencesse a uma pessoa em vez de ter apenas partes de mim distribuídas pela família, amigos e a Marinha? Quando eu te abraço, Em, eu sou inteiro.

— Não faça isso comigo — ela sussurrou contra o tórax dele, e envolveu os braços desesperadamente ao redor de seu pescoço, apavorada de cair.



Ela era forte sozinha, ela sabia como fazer isso. Ela sabia como estar só. Ela não sabia como ser a metade de um par, ela já tinha provado isto.

— O que eu estou fazendo com você, bebê?

— Você está me deixando fraca, Macey. — Lágrimas deslizaram pelas pestanas dela. — Não me deixe fraca, eu não sobreviverei quando você for embora.

— Eu não irei embora, Emerson. — Ele se debruçou de volta, uma mão correndo pelo cabelo dela para jogar a cabeça dela para trás, permitindo a ele olhar fixamente em seus olhos. — Você não sabe isso sobre mim? Eu nunca irei embora.

Ela sabia isso sobre ele. Todo mundo sabia que Macey era teimoso, sisudo e que não voltava atrás.

— Por quê? Por que você me ama?

Os lábios dele ergueram. — Por que você me ama?

Porque ele era engraçado, adorava flertar, era forte e certo. Porque olhar para ele fazia a alma dela doer e o coração desejar. Mas ela não disse isto, não podia dizer.

— Eu te amo, Em, simplesmente porque você é você, e você pertence a mim. Seu coração me pertence. Eu quero que os seus beijos, seus toques, seu riso e as suas fantasias pertençam a mim.

Já pertenciam a ele há anos.

— Dê a nós uma chance, Em — Ele tocou a bochecha dela com as pontas dos dedos, roçando os lábios com o dedo polegar. — Apenas uma chance de mais do que apenas uma noite. Você pode fazer isto?

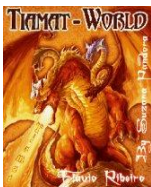
Ela daria a ele sua vida se ele precisasse dela.

— Eu não sei como fazer isto. — Ela tragou, o movimento difícil com as emoções entupindo a garganta.

O sorriso dele era áspero, acidentado e cheio com certeza sensual, má.

— Nós aprenderemos juntos. Aprenda comigo, Emerson. Por Deus, bebê, aprenda comigo.

O beijo a pegou de surpresa, fazendo as emoções girarem com o fogo nos olhos dele um segundo antes de tomar os lábios dela. Tão ígneos, exigentes e famintos. Tão famintos que pareciam alimentar a própria fome dela, remexendo com lambidas desumanas, beliscões ásperos e pura demanda. O lençol caiu longe do corpo dela e dentro de segundos eles tinham voltado para a cama.



Capítulo Dez

Drack era uma criatura insensível. Não tinha nenhuma emoção, nenhuma lealdade, nenhuma sensação de honra ou desonra. Não se importava com qual dia era, qual parte do dia, e não tinha nenhum sentimento em particular pela criatura com a qual compartilhava o espaço.

E sabia que era forte. Mas sabia que usar sua força contra a da criatura não era aconselhável porque ela apenas a trancaria na gaiola quando ela queria mesmo era estar livre para vagar. Prendê-la ao invés de dar a ela a liberdade de ir e vir que tanto a agradava.

Não era uma criatura pensativa. Não pensava, em enredos ou planos. Não se importava particularmente com nada além de onde a próxima comida viria e a necessidade ocasional de acasalar.

Mas havia uma coisa que Drack odiava. Drack odiava armas. Odiava o cheiro delas, a sensação delas, e particularmente odiava os ferimentos sórdidos que elas tinham feito uma vez nela e abalado severamente seu corpo.

Odiava ao ponto de até quando a criatura que a dava abrigo carregava uma, ela sentiu nada além do instinto de matar. De destruir. A dor era a única memória, o único instinto que a mantinha quando ela sentiu a vibração da pequena porta do banheiro abrir.

Aquela porta guiava para lugares escuros, lugares onde ela poderia depender de uma fonte de comida se a alcançasse. Não que a criatura não a mantivesse bem alimentada, mas ela amava a caça.

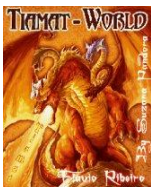
Hoje à noite ela caçaria mais do que roedores ou lagartos. Os olhos dela estreitaram, a língua testou o ar, e um silvar de ira deixou a garganta enquanto ela batia contra o vidro que a mantinha trancada.

Ela queria sair. Por que a criatura que dormia no ninho suave com seu companheiro não estava se movendo? Ela deveria estar acordando. Não sentia o cheiro da morte se movendo, a arma que a criatura que se moveu para o quarto segurava?

Drack assistia da sua gaiola de vidro, silvou e escorregou para onde a porta estava trancada. A língua sacudiu, testando o ar, e ela sentiu o odor ofensivo do mal.

O instinto e a ira convergiram enquanto ela se deitava enrolada, tensa, esperando. A porta se abriria, e quando isso acontecesse, ela estaria livre. Quando ela o fizesse, o mau que andava em sua toca morreria.

Ela sabia que a porta abriria. Sempre abria. Ninguém tinha entrado por tanto tempo sem ser descoberto. A criatura que a alojava, daria a ela sua chance. E quando ela o fizesse, ela mataria.



Macey acordou com o conhecimento de que de alguma maneira, de alguma forma, ele tinha fodido tudo. Como ele tinha feito isto? Ele tinha errado nos parâmetros de segurança? Algum suplemento de energia havia falhado?

Não fazia sentido. Ele era cuidadoso, sempre tinha sido, especialmente quando a questão era a sua caverna. Ele tinha uma entrada principal, bloqueada por puro aço e com alarmes o suficiente para botar a casa a baixo. Havia uma toca, da mesma maneira fortemente assegurada, que levava a uma galeria embaixo das ruas e centenas de bueiros dispersos ao longo da cidade.

A toca deveria ter sido muito mais difícil de achar do que a entrada principal, mas alguém tinha conseguido não apenas achá-la, mas acabar com a segurança dela também. E esse alguém tinha conseguido entrar sorrateiramente no quarto onde ele dormia com Emerson.

Ele podia ouvir Drack batendo contra a porta de sua gaiola de vidro. Uma porta que deveria ter sido aberta quando uma das duas entradas fosse ativada. Mas Drack estava arranhando contra ela, o que significava que ela ainda estava trancada. Não havia nenhum alarme gritando pela caverna, nenhuma luz relampejando, nenhum *hard rock* berrado. E ele estava indefeso.

—Vamos, Tenente, Grau Júnior, Mason March. Vamos acordar. — A voz era divertida. Familiar. Mortal.

Macey abriu os olhos e rezou para Emerson ficar adormecida por apenas mais alguns minutos enquanto ele olhava para o rosto sombreado do ajudante executivo do almirante, Pierce Landry.

Inferno, ele nunca tinha gostado daquele pequeno bastardo sabichão. Macey não gostava especialmente dele segurando aquela arma automática em sua cabeça.

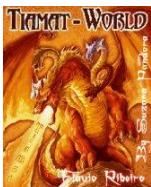
Macey suspirou com resignação e esperou poder pegar o antigo Boina Verde⁷ de guarda baixa por um segundo para ter a chance de reativar a segurança e soltar Drack.

A jiboia podia cheirar a arma que Pierce estava carregando, e ela odiava armas. Odiava tanto que Macey teve que barrar os poucos amigos que tinham acesso permitido ao porão de armas.

— Como você passou pela segurança? — Ele perguntou desejando protelar, achar a oportunidade. Infelizmente, ele conhecia os registros dos serviços de Landry.

— Foi necessário apenas achar a entrada; a segurança não era tão dura. Afinal, eu li a maior parte dos seus relatórios de missão, March, eu estudei seu arquivo e suas habilidades. Perceber o funcionamento não foi tão difícil. — O olhar de Pierce foi para onde Emerson ainda parecia dormir contra o tórax dele. — Você deve tê-la fodido até a morte. — Ela não se moveu.

⁷ Boinas Verdes (Green Berets) é o nome dado às Forças Especiais do Exército dos Estados Unidos (United States Army Special Forces).



Macey sorriu presunçosamente. Ele podia ouvir a veia de ciúme no tom. — Que diabo você está fazendo aqui, Landry?

— O que eu estou fazendo aqui? — Os dentes brancos e grandes de Landry relampejaram na escuridão do quarto. O filho da puta, Macey sempre tinha odiado aquele sorriso. — Porque Macey, estou aqui para executar a minha tarefa — ele continuou. — Estou aqui para matar a afilhada do Almirante Halloran já que você foi tão bondoso em foder o último plano de fazer isso.

Filho da puta. Ele não tinha pensado em Landry. Todos estes anos, todos os vazamentos que eles procuraram tanto, e ele tinha se esquecido de Landry.

— Viu, foi por isso que eu apenas não te matei quando entrei no quarto — Landry zombou. — Onde estaria a diversão? Você não saberia quem deu o tiro. Que a sua segurança foi descoberta. A criança dourada do almirante não saberia quem era mais esperto e melhor do que ele.

Macey curvou a sobrancelha zombeteiramente apesar da violência lentamente se juntando dentro dele.

Emerson havia despertado e ele podia sentir sua tensão, seu medo.

— Você deve me ter confundido com outra pessoa, Landry. Se eu sou alguma coisa, sou apenas uma pedra no sapato do almirante.

Landry riu, mas a arma nunca oscilou.

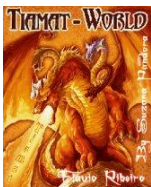
— Ele brincou com você, Macey. Ele já tinha te marcado há anos para a cama da Senhorita Delaney. Porém, para ser honrado, creio que ele desejava um anel de casamento para ela em vez do rala e rola nos lençóis.

Macey conseguiu deslizar a mão para debaixo dos travesseiros ao lado dele para tocar o alarme logo abaixo da cabeceira da cama e a faca amarrada com correia na parede. Ele podia distrair Landry, mas Emerson teria que soltar Drack.

— O almirante aprendeu a aceitar o que pode conseguir de mim. — Macey fez tsc, tsc. — Muito ruim ele não saber o que iria conseguir com você.

Macey apertou a mão no pulso de Emerson embaixo dos lençóis, uma advertência que ele rezou para ela estar prestando atenção. Quando ele apertasse os alarmes internos, a gaiola de Drack abriria. A jiboia iria para a arma. Ele desejou.

Macey bateu no interruptor. Imediatamente vociferou o rouco das sirenes, música gritante, e o relampejar de luzes vermelhas que rasgaram pelo quarto.



Landry saltou, e Macey soube que a surpresa imediata era a única abertura que ele conseguiria. Ele pulou da cama e agarrou o outro homem na cintura, levando ambos para o chão enquanto Emerson ficava de pé rapidamente na cama.

Landry era forte e bem treinado. Macey havia lutado com ele em mais de uma ocasião e havia aprendido que o homem não poderia ser antecipado. Ele era um lutador de sarjeta, e era mau. Mas Macey era mau também.

Mau o suficiente para bater o punho com estrondo no alto da outra coxa do homem, a pontaria errando apenas o suficiente para distrair Landry em vez fazê-lo enrolar no chão.

Não foi o suficiente. Landry conseguiu rolar, chutar e jogar Macey para trás. A arma descarregada, atirando selvagem antes de Macey estar sobre ele novamente.

—Emerson, a gaiola— ele gritou enquanto tinha um vislumbre dela pelo canto dos olhos. —Abra a porra da gaiola.

Porque Drack poderia ser sua única chance. A arma disparava, e Macey podia sentir o ardor de um ferimento na carne na lateral do corpo e o sangue banhava sua carne agora.

Ele estava ferido e não levaria muito para debilitar. Se eles iriam sobreviver, eles precisavam de toda a ajuda que pudessem conseguir.

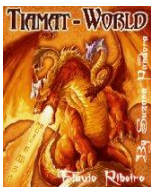
Abrir a gaiola? Emerson ficou apavorada e o olhar foi para o tanque de vidro que mantinha a jiboia. Durante os últimos dias a serpente tinha ficado escondida no meio das plantas espessas e a poça rasa de água no chão de pedra, mas estava fora agora, batendo contra o vidro, a língua chamejando, os olhos dilatados. Parecia puta. Parecia perigosa. E ela tinha horror a cobras. Ela as odiava. Mas ela amava Macey. Amava. E confiava.

As sirenas e a música estavam vociferando pela caverna. As luzes vermelhas estavam listrando o quarto. Era desorientador, como ela estava certa de que era a intenção.

Ela foi através do quarto, agitando, estremecendo. A jiboia era enorme. Se ela conseguisse envolver Macey em vez de Pierce Landry, então ele estaria morto.

Serpentes não tinham nenhuma lealdade. Elas não podiam ser treinadas. Eram governadas pelo instinto, nada mais. Não saberia se atacaria Landry ou Macey.

—A gaiola. Agora!



O olhar dela foi para Macey enquanto ele lutava com Landry pela posse da arma. O outro homem ainda tinha a mão cerrada nela, lutando para usá-la contra Macey.

O olhar dela foi de volta para a serpente. Ela estava apertando contra a dobradiça da porta de vidro, batendo contra ela, exigindo sua liberdade. Emerson imaginou poder sentir a ira saindo da criatura.

Macey a advertiu de que a jiboia odiava armas de fogo. Odiava tanto que ele tinha que mantê-las em cofre especialmente projetado e ele não podia carregar nenhuma com ele dentro do porão por causa da necessidade instintiva da cobra de matar quem quer que fosse que carregasse uma arma.

Com uma mão trêmula ela ergueu a tranca da porta, abriu-a e saltou de lado enquanto Drack imediatamente passava pela abertura. Drack não era uma criatura rápida, mas ela sabia aonde estava indo.

Pierce. O padrinho confiava nele, amava como a um filho. Estava sempre exaltando as virtudes do subtenente. Apesar de ele não haver mencionado decepção e traição como uma dessas virtudes.

Ela não podia apenas ficar aqui de pé, mas ela não podia desviar o olhar. A jiboia estava fazendo seu caminho através do quarto em direção aos dois homens que lutavam pela arma de fogo. Emerson estava apavorada de que a serpente se guiasse pelo odor de sangue em vez do odor da arma.

Os dois homens estavam se xingando, trocando socos duros, poderosos, mesmo enquanto lutavam pela arma.

Emerson havia considerado atacar Landry, mas se ele conseguisse pegá-la, ela sabia que Macey se sacrificaria para protegê-la. Então, em vez disso, ela correu para o outro lado da cama e o telefone que estava lá.

Ela teve o vislumbre da jiboia mais perto enquanto ela rodeava a cama. Ela deveria ter ficado louca para deixar a criatura livre, apesar das ordens de Macey? Ela nem havia dito a ele que o amava, ela pensou freneticamente enquanto alcançava a mesa e pegava o telefone sem fio e começava a discar.

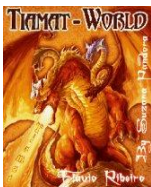
Estava chamando. Chamando. Emerson olhou fixamente através da cama, assistindo enquanto os dois homens lutavam no chão agora. Macey estava gloriosamente nu, Pierce estava vestido com um terno preto.

Macey se escarranchou sobre o outro homem, uma mão bloqueando o pulso de Landry, tentando soltar a arma enquanto a outra mão dava um soco em seu rosto. Landry retornou com um soco na lateral de seu corpo, livrando-se de Macey enquanto ele quase perdia o aperto no pulso de Landry.

Eles estavam se xingando, grunhindo. Macey deu outro soco na mandíbula de Landry. Quando o punho de Landry bateu em sua lateral novamente, a mão de Macey soltou o pulso.

— Atenda ao telefone. Atenda ao telefone — Emerson clamou. — Oh, Deus, onde você está?

— Macey! — A voz do padrinho gritou na linha. — Premissa segura. Nosso traidor é Landry, repito



— Não, merda! — Emerson gritou na linha. — Venha aqui. Onde você está? Landry está aqui.

Um tiro explodiu no quarto. Horrorizada, Emerson tentou perfurar a desorientadora labareda de luzes e sombras para os dois homens lutando. Macey tinha o pulso de Landry em um aperto com as duas mãos, segurando a arma, tentando voltá-la contra o outro homem enquanto os dedos de Landry apertavam o gatilho novamente.

A expressão de Macey mudou barbaramente. O pulso de Landry girou até que a arma de fogo estava quase apontada em Macey. Ela estava ciente do padrinho dela gritando em sua orelha, uma explosão diante da casa, e o aumento das sirenes.

Aconteceu em câmera lenta, e ainda assim tão rápido que ela não podia fazer sentido. A mão de Macey virou a de Landry exatamente enquanto a arma disparava novamente. O corpo do subtenente empurrou, teve um espasmo, então Macey saltou para trás enquanto Drack atacava.

Foi adiante, cortando o espaço entre o corpo de Macey e o de Landry, a boca larga bem aberta, os dentes cintilantes prendendo o rosto do homem agonizante e envolveu seu pescoço. Mais dois tiros dispararam, a serpente empurrou, estremeceu, mas manteve seu aperto.

As vozes ergueram. Não era a voz dela. Não era a de Macey. Ele estava arrancando o lençol da cama e a envolvendo com ele enquanto SEALs vestidos de preto fervilharam no cômodo, as armas prontas, as luzes tomando o local.

—Tire as porras das armas daqui!— Macey gritou.

Incrivelmente, seis homens saíram apressados da área de estar e retornaram segundos mais tarde sem armas, os olhares ainda presos na forma do Subtenente Pierce Landry e a jiboia presa a sua cabeça.

— Merda — Macey respirou rouco enquanto terminava de colocar o lençol ao redor de Emerson. — Reno, digite o código nos alarmes — ele gritou para os homens vestidos. — Corte este maldito barulho.

Drack estava morta assim como Pierce. Emerson podia ver o sangue se estender debaixo da criatura com o corpo inerte.

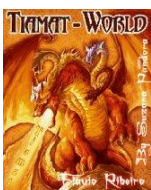
— O bastardo maldito matou a minha cobra. — A voz de Macey estava cansada, resignada.

As sirenes cortaram abruptamente, a música e as luzes pararam, e a luz normal, branca e brilhante, iluminou o local.

Macey estava atrás de Emerson, os braços a envolvendo, o coração correndo no peito.

— Você levou um tiro. — Ela tirou os olhos da morte através do local enquanto os seis homens olhavam fixamente para ela e Macey em graus variados de choque.

Os membros do Time Durango estavam lá, juntos com o padrinho dela, e ele não parecia feliz.



— Tenente — o almirante retrucou enquanto Emerson se movia para verificar o buraco do tiro na lateral do corpo de Macey. — Você vai viver?

— Sim, senhor.

— Então ache as suas calças, marinheiro. Você não está vestido. — O tom do almirante era claramente desaprovador.

— Não senhor, eu não estou — Macey rosnou, a voz, irritada, ainda áspera de ira, cortante, pelo local.

— Chega. — Firme, não admitindo recusa, Emerson deu um olhar cortante a Macey. — Você vai cuidar disto.

— Não é nada — ele retrucou. Mas os lábios estavam apertados e o desconforto escurecia seus olhos enquanto ele encarava o almirante.

Emerson se voltou para o padrinho. — Se ele perder grau novamente, você vai ter que lidar comigo. Agora cuide da bagunça aqui e eu cuidarei de Macey.

Ela se curvou e pegou a calça jeans do chão que ele havia usado mais cedo antes de erguer o olhar para ele. Ele ainda parecia pronto para lutar.

— Na sala de estar. — Ela tragou de volta a bÍlis na garganta com o cheiro da morte que começava a penetrar no cômodo. — Você pode cuidar da Drack depois que eu cuidar de você.

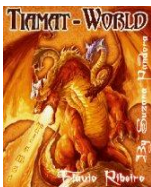
Ela levou Macey de volta para o quarto, ciente dos olhares que ele e o padrinho dela tinham permutado. Ela não podia se preocupar com isto; o padrinho dela não se entendia com ninguém, com a exceção dela.

Ela não podia se preocupar com as consequências que Macey poderia enfrentar a curto prazo. Porque ela tinha percebido alguns dias antes que o padrinho dela tinha sido casamenteiro por anos. Em seu jeito menos do que cortês.

Macey se recuperaria. Porque em alguns poucos minutos Emerson tinha percebido o que importava mais para ela e não era proteger o próprio coração.

Macey possuía seu coração. E era melhor que ele estivesse sério sobre possuir o dela, ou ela iria fazer Pierce Landry parecer um passeio no parque.

Macey pertencia a ela.



Capítulo Onze

O assassino bastardo havia matado Drack. Macey ainda não podia acreditar nisto. A cobra tinha sobrevivido a um ataque, anos atrás, por um assaltante com a intenção de roubar a eletrônica de Macey.

Naquela época, a caverna não existia, a instalação de computador não era tão extensa, e Drack era uma jiboia já madura. Macey a manteve trancada no quarto do computador para precaução adicional. De alguma maneira, alguém tinha entrado e Drack havia acreditado que era uma ofensa de um estranho a seu território. Ela era muito territorial.

A cobra tinha levado seis tiros que a haviam injuriado tanto que Macey tinha levado-a ao veterinário para tratamento prolongado. Drack nunca tinha se esquecido do odor de uma arma de fogo, ou suas consequências. E agora, ela havia morrido por causa de uma.

As cobras eram criaturas insensíveis, Macey sabia, mas ele a adorava.

Mas Emerson estava segura.

Ele olhou para ela abaixo enquanto ela se ajoelhava ao lado do sofá, o kit de primeiros socorros ao lado dele enquanto ela limpava o ferimento em seu corpo.

— Você vai precisar de pontos. — Ela apertou um pedaço espesso de gaze contra a lateral, então apertou a testa na perna dele na calça jeans.

Envolvida em um lençol, os ombros nus, o cabelo caindo nas costas, ela era como uma jovem deusa se ajoelhando, linda e corajosa.

Macey enterrou o cabelo no dela e curvou a cabeça para ela, apesar da dor no corpo.

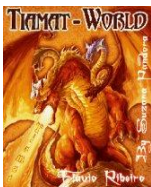
— Eu vou ficar bem, Em — ele prometeu suavemente contra o cabelo dela. — Acabou tudo, bebê. Você está segura. Isto é tudo o que importa para mim.

Ela agitou a cabeça contra a perna dele, e ele percebeu que as lágrimas começariam a cair logo. Ela tinha sido valente e forte, mas ela precisaria extravasar.

Ele a levaria para fora daqui, para um quarto de hotel na cidade, algum lugar brilhante e romântico, onde ele pudesse deitá-la na cama e abraçá-la pela noite. Deixá-la se acostumar a ficar segura novamente.

— Isto não é tudo o que importa. — Ela ergueu a cabeça enquanto ele ia para trás, a expressão pálida e aflita, os lábios sensuais tremendo. — Eu sinto muito. Macey, eu sinto tanto. Eu deveria ter te dito...

Ele deitou os dedos contra os lábios dela. — Você me dirá mais tarde, Em. Quando nós estivermos seguros. Onde eu possa te abraçar.



— Eu te amo, Macey. Eu te amo por quase dois anos. Eu te amo tanto que você me apavora demais.
— A voz dela engatou enquanto os braços dele iam ao redor dela, puxando-a contra seu tórax, e ele sentiu o coração pular de alegria.

Enterrando a cabeça no cabelo dela, Macey fechou os olhos, lutando contra a necessidade de ir embora com ela e abraçá-la até que ele tivesse ouvido aquelas palavras o suficiente para encher sua alma. Mas ele não achava que um dia teria o suficiente.

— Landry ultrapassou sua segurança. — O almirante Holloran entrou no quarto, a voz mordaz. — Emerson, querida, Reno está pegando algumas roupas para que você possa se vestir lá em cima...

— Há um banheiro debaixo dos degraus. — Macey empurrou a cabeça para cima e encarou o almirante. — Ela não vai lá para cima até que eu possa ir com ela.

— Macey... — A voz de Emerson era afiada como aço. Era o mesmo tom que a mãe dela usava com o pai dela quando pensava que ele estava ficando fora de controle.

— Não faça 'Macey' para mim, Em — ele disse a ela suavemente. — Quando Reno trouxer as roupas, você poderá se vestir aqui embaixo. Isto foi tão perto. — Ele tocou a bochecha dela, deixou o dedo polegar correr nos lábios. — Eu estive muito perto de te perder hoje à noite. Não se separe de mim.

Ele viu a compreensão nos olhos dela enquanto Reno entrava no quarto, uma das camisetas de Macey nas mãos e uma legging de Stacey.

— Se vista, bebê — ele sussurrou, ignorando o almirante no momento. — Nós sairemos logo daqui. Eu prometo.

Ela girou e deu ao padrinho um olhar duro, ficou de pé, e tomou as roupas que Reno oferecia a ela.

— Morganna, Raven e Emily estarão aqui logo para cuidarem dela — Reno disse a ele. — Nós temos uma noite cheia pela frente, Macey. — Limpar isso tudo com os policiais locais não será fácil. Sua segurança será comprometida ainda mais. Não será mais segredo.

Macey agitou cabeça. Ele não dava a mínima para isso agora.

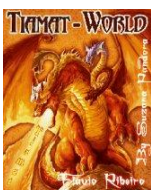
Ele virou a cabeça e assistiu Emerson desaparecer no banheiro antes de se voltar para o almirante.

— Respeitosamente, senhor. — Ele cerrou os dentes em torno das palavras. — Não tente levá-la para longe de mim. Eu lutarei contra isto.

Os olhos do almirante Holloran alargaram, a expressão dura, mas se Macey não estava enganado, havia um vislumbre de humor nos olhos azuis.

— Espero ver um anel no dedo dela logo — ele retrucou finalmente. — Não me desaponte.

Macey grunhiu com isso e se voltou para Reno. O anel estaria lá porque era onde ele pertencia, não porque o almirante havia ordenado.



— Como ele entrou? — Ele perguntou a Reno. — Ele ultrapassou toda a proteção que eu tinha.

Reno deu uma rápida olhada desaprovadora para o almirante, a expressão quieta. Macey sentiu o estômago afundar enquanto se voltava para Holloran.

Holloran era uma das poucas pessoas que sabia sobre a caverna. Ele e o Time Durango. Era um segredo que não deveria ter sido passado diante.

— Eu disse a Pierce sobre a caverna. — O almirante suspirou. — Essa culpa está nos meus ombros, Tenente, aceito a responsabilidade.

Ele não iria dizer nada. Ele realmente não ia.

— Respeitosamente, senhor — ele zombou. Ele achava que iria dizer algo afinal. — Isto é dificilmente aceitável.

Os lábios de Holloran apertaram com irritação. Os braços cruzaram sobre o tórax largo, a expressão escurecendo.

— Deu certo — ele retrucou de volta. — Eu não serei punido por você, Tenente, lembre-se disto.

— Até parece! Com todo o devido respeito, Almirante, sua decisão foi uma droga, deixou a minha mulher em perigo, este time, e a operação que você ordenou. Te punir é a última coisa que eu quero fazer.

Ele queria dar um soco no queixo do homem.

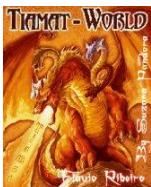
— Eu quero saber como que nós conseguimos não perceber Landry quando tomamos o líder dos terroristas — Reno disse.

A pergunta do chefe fez Macey girar e retrair uma respiração dura enquanto lutava para abafar a raiva.

— Landry conseguiu ficar debaixo do radar. — O almirante suspirou novamente. — Ele era um traidor muito bem coberto. Com a morte de seu líder, Sorrell, aquela célula particular perdeu sua força motriz. Landry queria sangue de vingança. Ele bagunçou tudo quando seguiu Emerson. Era apenas questão de tempo antes que eu compreendesse que tinha um espião no meu próprio acampamento. Pouquíssimas pessoas estavam cientes de que ela é minha afilhada, em vez de apenas a filha de um amigo. No meu time, apenas Landry sabia.

E Landry teria imaginado que o almirante perceberia depois que os terroristas deixaram a nota no apartamento dele depois que tinham levado a afilhada dele e a matariam como vingança pela morte de Sorrell.

— Sim. Teria dado tudo muito certo se Landry não soubesse sobre o meu lugar aqui — Macey retrucou, encarando o almirante enquanto os punhos cerravam.



Infelizmente, os lábios do almirante curvaram enquanto o vislumbre de humor retornava. — Bata-me e ela vai ficar louca. Você já a viu louca, March? Eu já filho, não é nada confortável.

— E eu quase perdi a chance de ver isto — Macey fumegou. — Da próxima vez que você quiser ficar de fofinha com os meus segredos, senhor, lembre-se disto. Da próxima vez em que arriscar a vida dela, terá de lidar comigo. E ficar louco não faz o meu tipo. Eu tiro sangue.

— E eu tenho um taco de beisebol para machos teimosos — Emerson anunciou enquanto deixava o banheiro. — Agora, podemos terminar com isto para que eu possa colocar algumas roupas de verdade e finalmente dormir um pouco? — Ela tinha sido tragada pela camiseta dele. As pernas estavam cobertas pela leggings cor de bronze, o cabelo caindo desordenado ao redor do rosto como seda, ela parecia uma rainha para ele.

Ela se moveu para Macey, agarrou seu braço e o puxou de volta. Ele olhou para ela abaixo, o coração abrandando, a alma — a alma dele estava virando mingau à vista do rosto pálido dela e o sorriso cansado.

— Apenas me abrace — ela sussurrou enquanto os braços dele cercavam-na e o som de sirenes da polícia passava através da entrada aberta. — Apenas me abrace, Macey.

Ele a abraçou, ignorando a diversão nos olhos dos amigos e a carranca do almirante. Ele abraçou apertado o que era dele e agradeceu a Deus por ela estar salva.

Sua Emerson estava segura aqui mesmo, nos seus braços, onde pertencia.

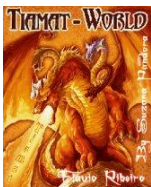
Epílogo

Havia mais de trezentas pessoas no reencontro da família. Havia dúzias de barracas de todas as formas e tamanhos dispersas em torno da casa grande da fazenda. Havia beliches no nível superior do celeiro e todo tipo de grelha de churrasco que existia instalada embaixo de uma área coberta do lado de fora do celeiro. O chão do abrigo era enorme e haviam sido montadas dúzias de mesas de piquenique de tamanhos variados, e mesas de serviço enormes estavam enfileiradas ao longo da parede.

Era um pesadelo organizacional, e Emerson estava amando cada minuto.

Os pais e os avós de Macey deram as boas-vindas à família com abraços e sorrisos brilhantes. Irmãos e irmãs, primos, tias e tios, todos tiveram a sua vez e a fizeram ruborizar e a abraçaram ferozmente.

Havia tantas pessoas que eles podiam ter sua própria cidade, e suas personalidades, temperamentos e sorrisos a faziam se sentir bem-vinda, ainda que fosse um pouco opressor.



Macey estava irritado com as restrições, porém. Os avós a haviam colocado em um quarto pequeno entre o quarto deles e os dos pais dele, e deram instruções rígidas a Macey para ficar longe dele depois que ela fosse para a cama.

A pressão estava passando lentamente nele, ela pensou divertida no terceiro dia. Ele já tinha entrado em duas rixas com vários de seus primos, e mostrado suas contusões com orgulho. Eles eram ásperos, prontos a lutar, e sempre agradáveis depois de tentarem um arrebentar a cara do outro com punhos poderosos.

Ela cuidou dos lábios dele, das costelas contundidas, e do ferimento que tinha sido aberto na lateral do corpo. Ela assistiu enquanto uma de suas primas, uma enfermeira, fechava os pontos enquanto ele a encarava com irritação pela inconveniência.

Ele era diferente de qualquer homem que ela já houvesse conhecido, até mesmo de outros SEALs. Ela sabia agora por que ele era um ótimo SEAL. Uma missão seria fichinha se comparada com as brigas com os outros machos da família.

E ela pertencia a ele. Ela poderia até mesmo pertencer a esta família estranha, louca, porque em vez de se sentir como se estivesse afogando entre eles, a aceitação fácil deles e os risos de amizade a haviam atraído.

—Nós precisamos sair daqui.

Emerson sorriu enquanto os braços de Macey a cercavam por detrás e os lábios se moviam para seu pescoço com beijos famintos.

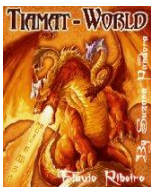
— Pare, Macey, eles podem nos pegar! — Ela riu quando ele rosnou.

— Macey já te pegou. — Ele a girou nos braços, olhando fixamente para ela abaixo, os olhos escuro cheios com riso e excitação. Excitação pesada. Ele era um homem rodeando a extremidade do controle.

— Você sabe o que estes shorts estão fazendo comigo? — As mãos dele deslizaram sobre os shorts, alisando o traseiro e as coxas superiores. — Estão me deixando louco.

Mas os olhos dele estavam em outra parte da anatomia dela. Eles estavam olhando com atenção extasiada para os montículos lisos dos seios enquanto eles ficavam duros sob a camisa de algodão azul claro.

Os mamilos enrijeceram imediatamente, apertando contra o tecido fino do sutiã e mostrando através da camisa. Ele gemeu baixo no tórax. — Nós estamos saindo daqui. — Ele agarrou o pulso dela e a puxou para uma sombra longe da casa em direção aos quadriciclos estacionados na borda do jardim. A avó de March não permitia quadriciclos em seu quintal.



— Aonde nós estamos indo? — Ela riu enquanto ele agarrava a cintura dela e a deixava no banco do passageiro antes de ele ir para frente.

— Longe da bagunça. — O sorriso que ele relampejou de volta para ela estava cheio com felicidade, avaliação, e mais do que um pouco luxúria. — Um lugar escondido.

Ele ligou o quadriciclo e foi aumentando a velocidade, eles estavam saltando pelo campo que cercava a casa no meio de buzinas e gritos dos primos e sorrisos sabedores das mulheres.

Ela deveria ter ficado envergonhada. Havia possivelmente trezentas pessoas que saberiam em questão de minutos que Macey havia fugido com ela para um pouco de sexo divertido ao sol. Em algum lugar. Mas ela não estava envergonhada, ela estava revigorada, energizada.

Ela podia sentir as emoções que tinha dado rédea livre crescendo dentro dela e a enchendo, afastando a solidão e iluminando os lugares escuros com a felicidade e a sensação de liberdade.

Era difícil não apreciar a liberdade que Macey dava a ela. A liberdade de tocá-lo, de se divertir em seus braços a cercando e o amor crescente entre eles.

Duas semanas. Havia passado duas semanas desde que Pierce Landry havia tentado matá-los.

Duas semanas desde que Macey havia passado por suas proteções e roubado sua precaução e a substituído com esperança.

Os braços dela apertaram ao redor da cintura dele enquanto eles entravam em um corredor de árvores e começavam a se mover mais fundo na floresta espessa que cobria a propriedade March. Ela havia se esquecido de quantas centenas de hectares os Marchs seniores possuíam, mas era vasto. O que um dia havia sido uma simples fazenda de gado, hoje havia prosperado, banhada pelo sol e com florestas frescas, segredos e uma sensualidade misteriosa. Ela podia se imaginar vivendo aqui, ouvindo os pássaros cantando todas as manhãs, assistindo os cervos pastarem na grama rica, luxuriante, enquanto os coelhos correriam para lá e para cá.

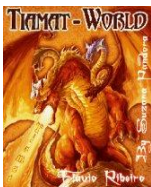
Talvez ela não fosse a garota da cidade que pensava que era.

— Aqui vamos nós — Macey gritou enquanto estacionava o quadriciclo debaixo de uma área com árvores espessas.

— E o que é isto? — Ela manteve os braços ao redor da cintura dele, debruçando a cabeça contra seu ombro enquanto ela respirava o odor dele e sentia a fome subindo.

— Olhe para cima.

Ela olhou para cima e seus olhos alargaram com prazer surpreso.



— É uma casa na árvore. — O sorriso dela alargou do tamanho da casa. Era construída entre duas árvores enormes, a madeira envelhecida com a idade, e não com apodrecimento. Parecia robusta, natural. Uma parte das árvores que a cercava a deixava confortável em seu ambiente.

— Vamos, eu quero te mostrar.

Macey a ajudou a sair da parte de trás antes de ele mesmo descer e a conduzir ao redor de umas das árvores mais largas que ela já havia visto onde uma escada havia sido colocada.

— É magnífica — ela suspirou. Ela sempre quis uma casa da árvore, mas não tinha uma árvore quando era mais jovem para construir uma. Sempre havia parecido uma ideia tão confortável, o pensamento das árvores rodeando um pequeno abrigo que a abraçava. E agora, Macey tinha uma.

— Quanto tempo ela está aqui?

— Desde que éramos meninos— ele disse a ela. — Suba. Verificamos hoje cedo em busca de esquilos e esse tipo de coisa. Está boa e segura.

Emerson deu uma olhada rápida de volta para ele enquanto ela subia a escada, quase rindo com o olhar penetrante que ele estava dando ao traseiro dela. Ele parecia particularmente cativado pelos seios dela assim como o traseiro. Ela deu uma risadinha com o murmúrio dele — tenha piedade — que a alcançou. O som era cheio com fome, admiração e calor. Aquele calor era o que havia roubado o coração dela. Não era apenas luxúria. Era algo muito certo.

Alcançando a sacada pequena que cercava a casa da árvore, Emerson ficou de pé e desviou a vista em torno da floresta embaixo deles. Deus, era lindo aqui, quieto e pacífico, abafado e aquecido. Ela amava isto.

— Vamos para o lado de dentro. — Parando ao lado dela, Macey entrou na abertura e a trouxe, e o coração dela parou no peito.

Havia um colchão grande no chão, cercado por um dégradé de velas. Um baú com gelo estava em um canto, mas o colchão foi o que prendeu sua atenção.

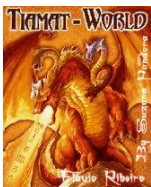
Não era um colchão comum. Era antigo e de penas, coberto com colchas antiquadas e travesseiros espessos.

— Você fez isto?

— Você queria uma casa da árvore para dormir. — Ele olhou a área pequena com satisfação.

— Meus irmãos e eu a construímos quando éramos adolescentes. Eu queria compartilhá-la com você.

Ela ergueu a mão para os lábios enquanto as lágrimas enchiam os olhos. Ele estava dando tanto a ela. Tantos sonhos, tanta felicidade, e agora, ele estava dando a ela uma das coisas que ela tinha ansiado quando criança. Uma casa na árvore.



— Eu amo você, Emerson — ele sussurrou, puxando-a para o colchão e se ajoelhando ao lado dela. — Eu te amo tanto que às vezes penso que eu vou ficar louco se não te abraçar.

Ela agitou a cabeça, uma lágrima caindo enquanto olhava fixamente no rosto dele. Este homem duro, grande, áspero e pronto para lutar, estava aqui ajoelhado diante dela, amor brilhando nos olhos escuros e no rosto duro.

Ele ergueu a mão dela e ela olhou em choque enquanto ele deslizava um anel em seu dedo. O Anel. Ela sabia o que era. A granada, a pedra de nascimento dela, cintilava cor de Borgonha ígneo e era curvo com uma esmeralda rica, lustrosa. A pedra de nascimento de Macey era a esmeralda.

— Eles se ajustam — ele sussurrou, o dedo polegar alisando as pedras incrustadas no anel de ouro e curvando uma para a outra. — Como nós nos ajustamos. Fique junto comigo para sempre, Em. Pertença a mim para sempre.

Os lábios tremiam, as lágrimas caíam dos olhos. — Para sempre. — A voz dela tremeu enquanto ela encontrava os olhos dele e via todo o amor, toda a esperança e alegria que ela já poderia ter rezado um dia.

— Para sempre combina com a gente.

— Pertencer combina com a gente. — A cabeça dele abaixou, os lábios tomando os dela com uma fome que ela sabia que deveria tê-la chocado, mas em vez disso, encontrou com a dela.

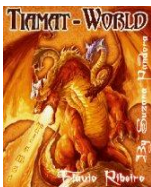
Eles se deitaram de volta no colchão, as mãos arrancando as roupas um do outro. Os lábios, dentes e línguas devoravam com toda gota de paixão e prazer que eles podiam achar. As roupas foram descartadas. A carne nua encontrou carne nua enquanto gemidos desesperados se entrosavam e mãos famintas acariciavam. O suor banhava a carne, fazendo os seios dela lisos, aquecidos enquanto os lábios dele deslizavam sobre eles. Quando os lábios cobriram um mamilo e sugaram fundo e duro, as costas dela curvaram com prazer.

Ela apertou os montículos juntos enquanto os lábios dele começavam a devorar ambos os mamilos. Sugando e lambendo enquanto ela se contorcia embaixo dele em paixão.

— Estou com fome de sentir o teu gosto — ele gemeu, movendo dos seios para baixo no corpo dela.

A língua acariciou a racha estreita de sua buceta, e antes que Emerson pudesse fazer sentido de qualquer outra coisa, ela tinha sido atraída a um mundo de fome sensual, calor e desejo que apenas construía e erguiam até que ela estava gritando com o orgasmo e implorando por mais. Implorando pelo membro dele em vez dos lábios e da língua, pedindo que ele a enchesse.

Quando ele a encheu, ele a tomou com golpes longos, lentos, trabalhou o prazer num crescendo que a lançou aos céus com uma explosão de ondas brilhantes, ígneas.



Era assim com Macey. Às vezes duro e quente, às vezes lento e quente, mas sempre quente, sempre construindo, e sempre a atraindo mais fundo na magia de seu toque.

Mais tarde, enquanto o sol começava a esfriar e as sombras começavam a tomar a casa na árvore, Macey se moveu. Champanha e duas taças foram erguidas do balde de gelo junto com uma bandeja de comidas frias.

Eles alimentaram um ao outro. Beberam de uma taça só, e enquanto a escuridão descia, eles se amaram novamente.

Amaram por horas até Emerson saber onde pertencia, onde o coração dela estava e confiar no amanhã.

Nos braços de Macey.

FIM

